

## Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas

# 3.5

## Relatório regional

# Recife



### Equipe

#### Elaboração do relatório

Lívia De Tommasi  
Socióloga, supervisora regional  
da pesquisa

Marcílio Brandão  
Sociólogo, pesquisador

#### Assistente

Graça Elenice  
dos Santos Braga – Recife

#### Pesquisador(as) bolsistas

Antonio Elba – Recife  
Carolina Ruoso – Recife  
Elaine Bezerra – Recife  
Germana de Castro – Recife

---

## **Sumário**

### **1 – Introdução**

1.1 Que são os Grupos de Diálogo?

1.2 A questão da participação

### **CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS**

**2 – Perfil dos(as) participantes nos Grupos de Diálogo**

**3 – A participação dos(as) jovens nos diferentes Grupos de Diálogo**

**4 – Comentários sobre a metodologia**

### **OS RESULTADOS**

**5 – Comentários iniciais**

5.1 Semelhanças e diferenças

5.2 Caminhos participativos

**6 – Comentários finais**

**7 – Fichas pré e pós-Diálogo**

**8 – Conclusões**

---

## 1- Introdução

Nos últimos anos, cresceu significativamente no Brasil o interesse na temática da juventude, que começou a ser inserida na agenda das políticas públicas de governos locais, estaduais e do governo federal, além de ser objeto de interesse da mídia e da intervenção de ONGs e fundações empresariais. A recente criação da Secretaria Nacional e do Conselho Nacional de Juventude é prova da vontade política de considerar a especificidade da condição juvenil no âmbito das intervenções do Estado. A atuação desses órgãos deve ser, desde já, suportada com pesquisas sobre a realidade dos(as) jovens brasileiros(as), que apontem suas necessidades e demandas, assim como os espaços e as formas da intervenção.

Por outro lado, muito tem se falado de uma suposta “apatia” dos(as) jovens nas sociedades contemporâneas, da não participação deles(as) na vida política nacional e local, do não engajamento em lutas sociais em prol de causas maiores. Contrapondo-se a esse pensamento, bastante hegemônico entre os meios de comunicação, alguns(mas) especialistas têm ressaltado, nos últimos anos, a relevância de novas formas de participação dos(as) jovens e de expressão de suas demandas na esfera pública. Autores(as) como Helena Abramo, Marília Sposito e Paulo Carrano no Brasil, e Rosana Reguillo, Miguel Abad, Leslie Serna na América Latina, têm desenvolvido análises significativas sobre novas formas de organização, expressão e mobilização juvenil.

Com o intuito de realizar um diagnóstico abrangente sobre formas, conteúdos e sentidos da participação dos(as) jovens entre 15 e 24 anos nas esferas sociais públicas e políticas, considerando os(as) jovens e sua participação como estratégicos para a consolidação do processo de democratização da sociedade brasileira, o Ibase e o Pólis, em parceria com entidades de pesquisas acadêmicas ou não-governamentais, realizaram a pesquisa “Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas” em oito Regiões Metropolitanas (Belém, Recife, Salvador, Brasília, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre).

A pesquisa foi realizada em duas etapas: na primeira, foi aplicado um questionário aos(às) jovens das Regiões Metropolitanas investigadas, sendo 1.000 jovens na Região Metropolitana do Recife (RMR); na segunda, cerca de 150 jovens participaram, em cada Região Metropolitana, de cinco Grupos de Diálogo para discutir sobre o Brasil que queriam e o tipo de participação que estariam dispostos(as) a ter para provocar as transformações desejadas<sup>1</sup>.

Ao final do questionário, os(as) entrevistados(as) respondiam a uma pergunta sobre a disponibilidade deles(as) em participar de um Dia de Diálogo para a realização da parte qualitativa

---

<sup>1</sup> A parte quantitativa da pesquisa ficou a cargo, nacionalmente, do Instituto Focus. A análise dos dados quantitativos e a realização da parte qualitativa ficou a cargo de equipes regionais contratadas com esse fim em cada Região Metropolitana, organizando, desta forma, uma rede de parceiros co-responsáveis pela realização da pesquisa. O questionário para as entrevistas foi construído coletivamente pelos(as) supervisores(as) regionais, a equipe técnica central e o(a) assessor(a) estatístico da pesquisa. Na Região Metropolitana do Recife, foi constituída uma equipe composta por: dois(duas) pesquisadores(as), Marcílio Brandão e Graça Elenice, quatro jovens estudantes universitários(as), Carolina Ruoso, Elaine Bezerra, Germana de Castro e Antonio Elba Barbosa, mais um jovem encarregado do apoio logístico, Isaque Santos. A supervisão regional ficou a cargo da socióloga Lívia De Tommasi.

da pesquisa; em caso de resposta afirmativa, o(a) entrevistado(a) deixava endereço e telefone para poder ser posteriormente contatado(a). Todos(as) os(as) entrevistados(as) que responderam afirmativamente constituíram então a base de dados para a definição da amostra para a parte qualitativa, ou seja, para a realização dos cinco Dias de Diálogo, que deviam contar com a participação de aproximadamente 40 jovens cada um. Um dos Grupos de Diálogo foi composto considerando somente os(as) jovens que declararam ter tido alguma experiência de participação.

O interesse e o desafio da pesquisa foi duplo: por um lado, testar uma metodologia, a dos Grupos de Diálogo, “importada” de uma outra realidade (a dos países americanos do hemisfério norte) e aplicada pela primeira vez no Brasil; por outro, indagar o universo juvenil no que diz respeito à questão da participação. Este texto tenta responder a esse duplo desafio, buscando trazer à tona as questões mais relevantes, tanto com relação à metodologia (1ª parte) como ao conteúdo da pesquisa (2ª parte).

Cabe ressaltar também o desafio de implementar a metodologia simultaneamente em oito regiões do país e por parte de diferentes equipes, que tiveram que, ao mesmo tempo, se apropriar da metodologia e tentar adequá-la conjuntamente à realidade brasileira. Desafio não indiferente, considerando as diferenças de práticas, de orientações metodológicas e conceituais entre as distintas entidades e os sujeitos envolvidos na pesquisa.

### **1.1 Que são os Grupos de Diálogo?**

A parte qualitativa da pesquisa foi desenvolvida aplicando a metodologia *ChoiceWork Dialogue*, disponibilizada pelo *Canadian Policy Research Networks (CPRN)*, sob o patrocínio e apoio financeiro do *International Development Research Center (IDRC)*, duas organizações canadenses.

Pressuposto fundamental da metodologia é que, no sistema democrático, os(as) líderes precisam tomar decisões considerando a opinião dos(as) cidadãos(ãs), seus valores e necessidades, suas formas de argumentar a respeito dos problemas que os(as) afetam, suas formas de lidar com problemas e oportunidades existentes em suas comunidades, considerando as opções existentes. O diálogo procura indagar a respeito dos argumentos mais convincentes em favor de determinadas mudanças de rumo, ou seja, do espaço político disponível à transformação.

A situação de diálogo permite que as pessoas emitam suas opiniões, dialogando com as opiniões dos outros. O diálogo não é a soma das opiniões individuais e sim, a construção de opiniões que respeitem às de cada um(a). Os sujeitos são constantemente solicitados a remeterem-se a si mesmos e a seus valores, ao mesmo tempo em que escutam e dialogam com os valores dos outros. Nesse sentido, o método tem um valor tanto investigativo como educativo, visando, inclusive, provocar mudanças na forma de pensar e de se colocar dos(as) cidadãos(ãs) frente à realidade social. Podemos dizer, portanto, que a metodologia dos Grupos de Diálogo se insere na tradição da pesquisa-ação que marcou fortemente a atuação social no Brasil.

O diálogo permite aos(às) cidadãos(ãs) identificar as opções possíveis para enfrentar determinado problema, indagando sobre o que eles(as) estão dispostos(as) a fazer ou aceitar em decorrência de tais opções. Nesse sentido, é ao mesmo tempo informação, troca de perspectivas

e exploração de intercâmbios, procurando produzir juízo e valores mais informados para orientar a tomada de decisões.

O diálogo se desenvolve durante um dia, no decorrer do qual são seguidas, de forma sistemática, uma série de passos metodológicos: apresentação dos objetivos da pesquisa e das entidades patrocinadoras, apresentação dos(as) participantes, aplicação de um questionário Pré e Pós-Diálogo, divisão em subgrupos (com no máximo dez integrantes), leitura conjunta dos Cadernos que contêm a informação relevante sobre o tema e sobre os cenários possíveis, com argumentos prós e contra, apresentação dos trabalhos dos grupos na plenária, identificação conjunta das semelhanças e diferenças nas distintas apresentações, exploração das conseqüências das escolhas feitas, conclusão e avaliação do dia.

Os diálogos são orientados por facilitadores(as) profissionais, gravados e, ao mesmo tempo, acompanhados por pesquisadores(as)-observadores(as), que anotam situações e comportamentos relevantes. Na sala onde os diálogos acontecem, são colocados uma série de cartazes que visualizam os acordos e algumas informações relevantes para o andamento do diálogo.

Para adaptar a metodologia à realidade brasileira, foi preparado um CD-ROM que apresentava, numa linguagem clara, acessível e prazerosa, o conteúdo do Caderno. Na parte da manhã, os(as) participantes deviam dialogar a respeito de “o Brasil que queremos”, respondendo à pergunta: *“Pensando na vida que você leva como jovem brasileiro(a), o que pode melhorar na educação, trabalho e nas atividades de cultura e lazer?”*. Os acordos realizados a respeito das melhorias desejadas deviam servir de referência para o diálogo na parte da tarde, quando a pergunta orientadora dizia respeito ao tema específico da pesquisa: *“Pensando no que vocês listaram pela manhã que deve melhorar na educação, trabalho, cultura e lazer no Brasil, como vocês estão dispostos(as) a participar para que essas melhorias se tornem realidade?”*.

Considerando os resultados esperados, a pesquisa visa indagar a respeito dos valores que orientam as escolhas dos(as) cidadãos(ãs) e a direção em que eles(as) se movimentam, no nosso caso, em relação à participação, para servir de marco para a elaboração de políticas e, ao mesmo tempo, fortalecer cidadãos(ãs) mais informados(as) e mais disponíveis a se engajar nos processos democráticos e políticos.

## 1.2 A questão da participação

*“É amplamente sabido que a capacidade evocativa e simbólica das palavras-mito é inversamente proporcional à sua rigorosa delimitação conceptual e empírica.”*<sup>2</sup> Este comentário de Maurizio Cotta é extremamente pertinente em relação ao conceito de participação, amplamente usado (e abusado) por parte de diferentes atores em diferentes contextos. A força evocativa da palavra parece ainda estar longe de se atenuar. Para fim da nossa análise, vamos tentar delimitar o tema da participação lançando mão de alguns aportes teóricos.

---

<sup>2</sup> Maurizio Cotta, Il concetto di partecipazione politica : linee di un inquadramento teorico. **Rivista Italiana di Scienza Politica**, Bologna, n. 9, 1979, p. 194.

Para Bordenave<sup>3</sup>, a participação é uma:

(...) necessidade fundamental do ser humano (...) é o caminho natural para o homem exprimir sua tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo. Além disso, sua prática envolve a satisfação de outras necessidades não menos básicas, tais como a interação com os demais homens, a auto-expressão, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar e recriar as coisas e, ainda, a valorização de si mesmo pelos outros. (...) a participação é inerente à natureza social do homem.

O sociólogo italiano Alberto Melucci<sup>4</sup> considera a participação social como uma orientação para a ação, na qual:

(...) está em jogo a vontade de manifestar através da ação a própria condição de cidadãos que têm o dever-direito de contribuir à vida coletiva, mesmo em suas dimensões quotidianas. A ação visa criar ocasiões de participação, ou seja, expressa o sentimento de ser parte de uma comunidade. Através da ação torna-se visível o próprio pertencimento e a própria responsabilidade de contribuir com os fins comuns. Eventualmente, age-se também para ampliar os canais desta participação.

A participação é considerada como central para a consolidação de um Estado democrático. A vontade dos(as) cidadãos(ãs) de tomar parte nas decisões políticas, sociais e econômicas que dizem respeito à vida democrática tem provocado a criação de formas de democracia participativa. Particularmente no Brasil, a partir dos anos 50 e mais fortemente após a redemocratização do país, foram desenvolvidas várias experiências que apontam à renovação da democracia representativa, por meio da criação de mecanismos de democracia participativa. A participação da sociedade civil na definição e no controle das políticas públicas se tornou efetiva com a criação de conselhos setoriais, consultivos ou deliberativos, e nas experiências de orçamento participativo implementadas em várias gestões municipais e estaduais do campo progressista. De fato, o artigo 204 da Constituição brasileira estabeleceu o princípio da participação da população, por meio de organizações representativas, na formulação das políticas sociais e no controle das ações em todos os níveis.

---

<sup>3</sup> Juan E. Diaz Bordenave, **O que é participação**, São Paulo, 1987, p. 16.

<sup>4</sup> Alberto Melucci, **L'invenzione del presente** : movimenti sociali nelle società complesse. 2ª ed. Bologna : Il Mulino, 1991, p. 103.

No que diz respeito ao universo juvenil, comenta Helena Abramo<sup>5</sup>:

A questão da participação dos jovens tem sido tema de preocupação e debate nos últimos anos nas sociedades latino-americanas, principalmente no que se relaciona com a discussão das possibilidades e alternativas de desenvolvimento: tanto para o desenvolvimento integral dos jovens como para o desenvolvimento democrático da sociedade. Essa preocupação vem marcada, no entanto, por certa ambigüidade: por um lado, existe uma percepção da importância da participação juvenil para essas duas dimensões do desenvolvimento, que vem acompanhada de uma expectativa de seu incremento; por outro, impera uma certa visão negativa a respeito da participação existente e uma dificuldade de concretizar canais efetivos para a sua realização. Essa ambigüidade é acompanhada por uma dificuldade de estabelecer relações entre os atores e instituições sociais que dominam a cena pública (governamentais e não-governamentais) e os atores coletivos juvenis (grupos, organizações, movimentos e “movidas” de jovens), ainda pouco visíveis e compreendidos como interlocutores válidos para lidar com as questões concernentes a eles.

Ou seja, o problema estaria, mais do que numa suposta apatia dos(as) jovens, na difícil relação entre as instituições sociais e os atores coletivos juvenis, numa certa “invisibilidade” das formas de organização e expressão juvenil, se olhadas com as lentes da política e das formas de organização tradicionais.

Para Miguel Abad, *“o exercício da cidadania mais plena por parte dos jovens, estimulando e apoiando formas e meios próprios, é mais necessário para a sociedade que para os próprios jovens”*. Isso porque tem-se por hipótese uma maior propensão dos(as) jovens a se engajar em processos de transformação democrática da sociedade. Ainda nas palavras de Abad, *“os jovens estão mais e melhor preparados que nenhum outro grupo populacional para participar e impulsionar ativamente processos de mudança social, econômico e político”* porque, além de ter níveis maiores de escolaridade com relação às gerações anteriores e uma maior capacidade para entender o novo em um mundo de mudanças aceleradas, *“há uma tendência maior na população jovem que nos outros grupos etários para vincular-se ou formar organizações, de forma que sem dúvida existe aí uma reserva que poderia incrementar o capital social de nossas sociedades”*<sup>6</sup>.

Nos últimos anos, no Brasil, os(as) jovens, considerados(as) como agentes de desenvolvimento ou de transformação da sociedade, têm sido objeto das ações de várias instituições, governamentais e não-governamentais, que têm investido na implementação de programas de estímulo ao engajamento social dos(as) jovens<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Helena Abramos, **Participação e organizações juvenis**, Recife : Projeto Redes e Juventudes, 2004, p. 7.

<sup>6</sup> Miguel Abad, **Possibilidades e limites da participação**, Recife : Projeto Redes e Juventudes, 2004, p. 15-16.

<sup>7</sup> Desde o Agente Jovem, programa criado pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, até os programas de fundações empresariais como a Fundação Odebrecht e o Instituto Ayrton Senna, que criaram a “Aliança com o adolescente para o desenvolvimento sustentável no Nordeste”.

Por outro lado, seguindo a idéia da existência de novas formas de organização juvenil, formas próprias dos(as) jovens de se colocar e expressar suas demandas no espaço público, foram desenvolvidas várias pesquisas orientadas a investigar a natureza, as características e as formas de organização dos grupos juvenis. A Prefeitura do Município de São Paulo, por exemplo, realizou, em 2003, um mapeamento identificando 1.600 grupos juvenis existentes na cidade, 35,6% dos quais ligados à cultura. Uma porcentagem muito parecida àquela encontrada na pesquisa realizada, no mesmo ano, pelo Fórum das Juventudes do Recife para mapear as organizações juvenis da cidade<sup>8</sup>.

De fato, a grande maioria das pesquisas desenvolvidas nos últimos anos tem se debruçado sobre o universo dos(as) jovens organizados(as) tanto em movimentos e entidades mais tradicionais, como os grêmios estudantis, como em novas formas de organização juvenil, grupos autônomos e informais que enfatizam a expressão das demandas e das vivências juvenis por meios de linguagens artísticas, nas áreas do esporte, do lazer e da cultura em geral: bandas musicais, grupos de teatro, dança, grupos de skatistas, grafiteiros etc., formas próprias dos(as) jovens de se expressar e participar da construção do sentido e do imaginário coletivo<sup>9</sup>.

Outras pesquisas identificaram uma importante participação juvenil no interior das grandes mobilizações organizadas nos últimos anos no âmbito das lutas anti-globalização, como as manifestações contra o G-8 em Gênova<sup>10</sup> e o Fórum Social Mundial<sup>11</sup>; no nível local, é interessante assinalar o levantamento sobre o perfil dos(as) participantes nos espaços do Orçamento Participativo no Recife<sup>12</sup>. Em todos esses levantamentos, é apontada uma significativa, e muitas vezes majoritária, participação de jovens.

Mas, por outro lado, tanto os dados de uma pesquisa recente sobre a realidade da juventude brasileira, como os resultados da parte quantitativa da nossa pesquisa, têm apontado um relativamente baixo nível de envolvimento dos(as) jovens em atividades de tipo associativo. Nos dados da pesquisa desenvolvida pela Criterium Assessoria, a pedido do Instituto Cidadania (2003), 15% dos(as) jovens brasileiros(as) declararam participar de algum grupo juvenil; nos dados levantados pela nossa pesquisa, a porcentagem, nos dados agregados das Regiões Metropolitanas investigadas, é de 28,1%. Na RMR, essa porcentagem é de 26,2%.

Em todo caso, se existe já uma significativa literatura voltada a indagar o universo dos(as) jovens engajados(as) e participativos(as), são quase inexistentes as pesquisas que indagam sobre a participação a partir do ponto de vista dos(as) jovens não organizados(as), não engajados(as) em atividades políticas e sociais. O que pensam esses(as) jovens sobre a participação? De que

---

<sup>8</sup> Cfr. “Juventude é atitude, qual é a sua?”, Recife : Fórum das Juventudes, 2004.

<sup>9</sup> Cfr. Helena Wendel Abramo, **Cenas Juvenis** : punk e darks no espetáculo urbano, São Paulo, ed. Scritta, 1994; Paulo Carrano, **Os jovens e a cidade** : identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas, Rio de Janeiro, Relume Dumará : Faperj, 2002.

<sup>10</sup> Numa pesquisa realizada em Génova nos dias da manifestação, 51% dos(as) entrevistados(as) tinham entre 19 e 25 anos, e 7% menos de 19 anos. Cfr. Andreatta, della Porta, Mosca, Reiter, **Global, No Global, New Global** : la protesta contro il G-8 a Genova, Bari, Laterza, 2002, p. 75.

<sup>11</sup> 37,7% dos(as) participantes no II Fórum Social Mundial tinham entre 14 e 24 anos. Cfr. Fórum Social Mundial 2003: pesquisa sobre o perfil de participantes, v. V, Rio de Janeiro : Ibase, 2003, p. 22.

<sup>12</sup> Num levantamento realizado pela ONG Etapas, na RPA 6, 32,3% dos(as) entrevistados(as) tinham entre 16 e 25 anos de idade. Cfr. **Orçamento Participativo no Recife** : o olhar da RPA 6, Recife, Etapas, 2004, p. 9.

forma eles(as) estariam dispostos(as) a se engajar para a construção de um país mais democrático e igualitário?

Alguns(mas) autores(as), comentando os dados de pesquisas recentes sobre a condição juvenil, alegam que a falta de participação seria causada pela falta de oportunidades, a falta de conhecimento sobre formas e práticas de participação; ou pelas dificuldades sociais e econômicas em que vive a maioria dos(as) jovens brasileiros(as), que obstaculizam o envolvimento em práticas e espaços de participação. Assim, observa Paul Singer<sup>13</sup> no comentário aos dados da pesquisa do Instituto Cidadania:

A juventude deseja ajudar o mundo a mudar e pensa em fazê-lo menos mediante a militância política do que pela ação direta. Mas a maior parte dela, antes de poder contribuir para a mudança, tem de ser ajudada. (...) O que o “Perfil da Juventude Brasileira” deixa entrever é que os jovens brasileiros irão à luta por um Brasil melhor desde que obtenham as bases materiais mínimas de sobrevivência.

A pesquisa apresentada nestas páginas tem como objetivo indagar o que pensam os(as) jovens de algumas cidades brasileiras sobre a participação. Seguindo a metodologia dos Diálogos, construímos três cenários possíveis para a participação dos(as) jovens na sociedade, pensando serem esses os Caminhos Participativos mais difundidos na sociedade brasileira:

1. a participação mais formal, em movimentos sociais, partidos, sindicatos, manifestações de ruas ou entidades não-governamentais;
2. o voluntariado, como uma forma de participação social desenvolvida por indivíduos sem a necessidade do envolvimento em grupos e ações coletivas;
3. a organização de grupos autônomos e informais de jovens, que atuam principalmente no campo da cultura e do lazer.

Cada cenário foi apresentado aos(às) pesquisados(as) como um Caminho possível de participação a ser percorrido, mostrando seus prós e seus contras, provocando os(as) jovens a se posicionar, fazendo comentários a respeito de cada Caminho e alertando sobre as conseqüências inerentes à escolha de cada Caminho.

As perguntas às quais a pesquisa pretendia responder eram: de que forma os(as) jovens brasileiros(as) estão dispostos(as) a se engajar para a transformação da sociedade? O que impede, dificulta e o que, ao contrário, pode facilitar a participação dos(as) jovens? Espera-se que as conclusões da pesquisa possam servir de subsídio para os(as) tomadores(as) de decisões, tanto no âmbito governamental como no âmbito das entidades da sociedade civil voltadas a desenvolver programas de estímulo à participação juvenil<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Paul Singer, “A juventude como corte: uma geração em tempos de crise social”, in: Helena Wendel Abramo, Pedro Paulo Martoni Branco. **Retratos da Juventude Brasileira** ; análise de uma pesquisa nacional, São Paulo, Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 35.

<sup>14</sup> Vale lembrar que, a partir do diagnóstico do baixo nível de associativismo dos(as) jovens brasileiros(as), alguns programas governamentais dirigidos a jovens têm subordinado o pagamento de uma bolsa à realização de atividades comunitárias, transformando, de alguma forma, o voluntariado em obrigação. Veja-se os programas Consórcio Social

## 2. Perfil dos(as) participantes nos grupos de diálogo

Os diálogos foram realizados nos dias de sábado, entre a metade de março e a metade de abril de 2005, num espaço alugado no centro da cidade, escolhido por ser bastante conhecido e de fácil acesso. Um local agradável, mesmo sendo bastante simples (de propriedade de uma congregação religiosa). No mesmo local eram realizadas as refeições (café da manhã, almoço, lanche no final da tarde).

Os convites para os participantes aos Grupos de Diálogo foram feitos respeitando a distribuição demográfica da população jovem da RMR, considerando as variáveis de gênero, classe social e faixa etária.

As tabelas a seguir apresentam o número de participantes, a distribuição por sexo e classe social (tab. 1) e faixa etária (tab. 2).

Tab. 1 – em itálico entre parêntesis, os números da amostra previamente definida

Grupos de Diálogo	Total	Homens		Mulheres		Homens de classe A/B	Mulheres de classe A/B
Experiência participativa	<b>31</b>	16 (20)		15 (20)		2 (3)	1 (3)
15-17	<b>26</b>	13 (20)		13 (20)		2 (2)	1 (3)
18-24	<b>29</b>	15 (20)		14 (20)		1 (3)	3 (3)
15-24	<b>22</b>	15-17 2 (6)	18-24 9 (14)	15-17 5 (6)	18-24 6 (14)	1 (3)	2 (3)
15-24	<b>27</b>	15-17 5 (6)	18-24 6 (14)	15-17 7 (6)	18-24 9 (14)	0 (3)	2 (3)
<b>TOTAL</b>	<b>135</b>	<b>66</b>		<b>69</b>		<b>6</b>	<b>9</b>

O número de mulheres foi pouco superior ao número de homens, respeitando a distribuição demográfica: a pesquisa quantitativa constatou um número de mulheres de pouco superior ao de homens nessa faixa etária, ou seja, 50,5% de mulheres contra 49,5% de homens. O acaso contribuiu, portanto, para que atingíssemos uma amostra que bem representa essa diferença demográfica: tivemos, em nossos Diálogos, a presença de 51,1% de mulheres contra 48,9% de homens.

Com relação à classe social de pertencimento, somente num grupo a participação dos(as) jovens de classe A/B foi significativamente distinta e marcou o desenvolvimento do Diálogo: no primeiro grupo, dos(as) jovens de 15 a 24 anos, os(as) três jovens de classe A/B monopolizaram a discussão, colocando a visão deles(as) de forma bastante agressiva. Mas se um dos três era

da Juventude, desenvolvido no âmbito do Programa I Emprego, ou mais recentemente o ProJovem, programa implementado pela Secretaria Nacional de Juventude, recentemente instalada.

claramente uma jovem de classe média/alta, enquanto freqüentava a escola mais renomada e cara da cidade, os(as) outros(as) dois(duas) eram jovens trabalhadores(as) (um segurança e uma funcionária pública).

Conseguimos atingir quase a totalidade dos municípios da Região Metropolitana do Recife (ficou de fora somente o município de Ipojuca)<sup>15</sup>.

Quanto às diferenças de gênero, cabe ressaltar que, no geral, as mulheres tiveram uma participação muito mais expressiva do que os homens: foram elas que animaram, com energia, alegria, criatividade e espírito crítico, os Dias de Diálogo<sup>16</sup>. Foi, muitas vezes, a qualidade da participação delas que deu o tom da conversa. Os homens ficaram, de forma geral, bem mais retraídos, mesmo se sempre houve significativas exceções (em todo caso, numericamente reduzidas)<sup>17</sup>.

Tab. 2

Grupos de Diálogo	15-17 anos	18-24 anos
Experiência participativa	13	18
15-17	26	-
18-24	-	29
1º grupo misto	8	14
2º grupo misto	12	15
<b>Total</b>	<b>59</b>	<b>76</b>

Com relação à faixa etária (tab. 2), registrou-se a presença de 44% de jovens de 15 a 17 anos e 56% de 18 a 24 anos, o que se aproxima da sugestão de amostra fornecida pela empresa responsável pelo tratamento estatístico da primeira etapa desta pesquisa, respectivamente 40% e 60%.

Apesar de ser clara a motivação financeira para participar do Diálogo [o pró-labore de R\$ 50,00, soma bastante significativa para a grande maioria dos(as) jovens da RMR], no geral, foram poucos os casos de jovens que claramente não se envolveram nas discussões e simplesmente fizeram passar o tempo para chegar ao final do dia e receber o dinheiro. Ao mesmo tempo, a falta da motivação financeira pode ser a causa da baixa participação dos(as) jovens de classe A/B, sobretudo dos(as) mais ricos(as).

<sup>15</sup> 65 vieram de Recife, 23 de Jaboatão dos Guararapes, 11 de Olinda, oito de Igarassu, sete de Camaragibe e sete de Paulista, quatro do Cabo de S. Agostindo e quatro de Abreu e Lima, três de Itapissuma, dois de São Lourenço da Mata e um de Moreno.

<sup>16</sup> Vale ressaltar que os dados da pesquisa quantitativa mostraram que as mulheres participam mais do que os homens de debates organizados nas escolas (72,7% de respostas afirmativas entre as mulheres, contra 64,7% entre os homens). Elas também participam mais em ações comunitárias (55,4% de respostas afirmativas, contra 35,3% entre os homens).

<sup>17</sup> Seria muito interessante realizar uma leitura dos resultados da pesquisa que enfatize as diferenças de gênero, fazendo uma comparação com o comportamento de homens e mulheres jovens em outros espaços de participação. Empiricamente, observamos que, entre os(as) jovens organizados(as), o número de homens lideranças é superior ao número de jovens mulheres. Ou seja, parece que, quando se chega em níveis superiores de organização e distribuição de poder, os homens ocupam os lugares privilegiados, mesmo sendo as mulheres as que participam mais e animam mais nas bases.

---

### **3 A participação dos(as) jovens nos diferentes Grupos de Diálogo**

Uma característica comum entre os diferentes Grupos de Diálogo foi a monopolização da fala por parte de 45 jovens em cada grupo. Podemos mesmo dizer que a qualidade do diálogo dependeu muito das características individuais desses(as) jovens “detentores(as) da palavra”. Assim, se esses(as) jovens tinham características menos dominadoras, no sentido de ser menos agressivos(as) em suas colocações, em suas posturas frente ao restante do grupo, mais atentos(as) e preocupados(as) com a participação da maioria, os diálogos fluíram muito mais efetivamente como espaços para o diálogo entre as diferentes opiniões. Se os(as) jovens detentores(as) das palavras mostravam um comportamento mais agressivo, defendendo opiniões mais conservadoras, o diálogo teve muito mais dificuldade para fluir, a ponto de criar situações de disputa entre as diferentes posições, com bem pouca participação por parte da maioria do grupo. De fato, foram majoritariamente as mulheres as que dominaram as discussões e que, ao mesmo tempo, tinham características menos agressivas e discursos menos conservadores. Os homens, quando se colocavam na postura de “donos da fala”, eram consideravelmente mais agressivos em suas colocações. Exemplar o caso de um jovem, supostamente de classe A/B, que ficou chamando as participantes nos subgrupos de “doutora”.

Ficou evidente que, muitas vezes, os subgrupos não chegavam a um consenso em decorrência do diálogo, e sim, por aceitar passivamente a posição de quem dominava a fala no grupo. Geralmente, foram esses(as) jovens detentores(as) da fala que apresentaram as conclusões dos subgrupos na plenária, muitas vezes apresentando seus pensamentos como se fossem os do grupo.

Não foram raros os casos em que observamos uma discrepância entre a discussão ocorrida no subgrupo e a apresentação das conclusões do grupo na plenária, ou seja, o que acabava sendo apresentado era, muitas vezes, o pensamento de quem apresentava, e não o do grupo. Isso não deve ser tanto imputável a uma “má vontade” dos(as) relatores(as) quanto à efetiva dificuldade da tarefa: não é fácil relatar de forma fiel as discussões ocorridas em um grupo, sobretudo se não se tem prática de fazer isso.

Não pudemos notar uma diferença muito significativa do grupo com experiência prévia de participação com relação aos outros grupos. Apesar disso, foi uma constante, nos diferentes grupos, a participação diferenciada dos(as) jovens com experiência prévia: foram eles(as), na maioria dos casos, que deram o tom da conversa.

Com relação à faixa etária dos(as) jovens, também é difícil fazer observações significativas: se, por um lado, o Diálogo em que participaram os(as) jovens de 15 a 17 anos foi significativamente mais complicado em termos da qualidade do Diálogo, especificamente no que diz respeito à compreensão do tema e à capacidade de se expressar, do que o Diálogo no qual participaram os(as) jovens de 18 a 24 anos, por outro lado, nos Diálogos mistos (ou seja, nos quais todas as faixas etárias pesquisadas estavam presentes), a participação de alguns(mas) jovens (e, sobretudo, jovens mulheres) de 16 ou 17 anos foi tão expressiva e significativa que ficou

difícil chegar a qualquer conclusão com relação à participação diferenciada dos(as) mais jovens no que diz respeito àquela dos(as) mais velhos(as). O fato que os(as) mais jovens demonstraram, no geral, ter menos domínio sobre a compreensão da escrita e sobre a expressão oral e escrita, e isso nos faz pensar que, de fato, a escola não está cumprindo seu papel formativo e que a formação dos(as) jovens está se dando mais em outros espaços: na igreja, nas oportunidades de socialização, que são oferecidas de forma muito diferenciadas aos diferentes setores sociais e que se abrem de forma mais consistente quando os(as) jovens deixam a escola e assumem compromissos da vida adulta, como casar, trabalhar, ter filhos.

Algumas características que distinguem os Grupos de Diálogo podem ser reveladas a partir da análise dos comentários finais expressos pelos(as) participantes. Voltaremos a apresentar esses dados no parágrafo 4 da segunda parte do texto.

Vamos relatar a seguir algumas características da participação dos(as) jovens em cada Grupo de Diálogo.

1. Grupo com experiência participativa<sup>18</sup>. Nesse grupo, foi particularmente significativa a monopolização da fala por parte de uma jovem que já foi candidata a vereadora na capital, pelo partido Prona. A fala dela era bem articulada, demonstrando um evidente domínio da fala e dos temas em discussão. Ela ficou defendendo, de forma muito veemente, a importância da política. Houve também a participação muito ativa de uma jovem líder comunitária, a mais velha do grupo (24 anos). Uma discussão marcante na parte da manhã foi sobre a política de cotas na universidade. Pela manhã, discutiu-se também sobre a desigualdade social e o preconceito existente na sociedade contra os(as) pobres. Pela tarde, houve um debate muito aceso entre os(as) defensores(as) do voluntariado e os(as) defensores(as) da “política”. Ficou marcante, nos comentários finais, a avaliação positiva do Diálogo com relação ao “fazer novas amizades”; talvez isso possa estar relacionado com o alto número de jovens que, entre os(as) que participam de algum grupo juvenil, participam de grupos religiosos<sup>19</sup>.
2. Grupo de 15 a 17 anos. Como já notamos, esse foi um grupo bastante difícil. Houve enormes dificuldades com a compreensão da leitura dos Caminhos e grande dispersão na parte da tarde. O que mais pareceu animar o grupo era a própria participação no Diálogo, mais além do conteúdo da discussão. Ou seja, foi significativo que quase a totalidade dos(as) participantes nunca tinha tido ocasião de participar de um debate ou de outra atividade desse tipo<sup>20</sup>. Desde o começo, ainda antes da divisão nos subgrupos da manhã,

---

<sup>18</sup> Como já notamos, 26,2% dos(as) jovens entrevistados(as) na pesquisa quantitativa declararam fazer parte de algum grupo.

<sup>19</sup> A pesquisa quantitativa revelou que, na RMR, 45% dos(as) jovens que participam de algum grupo, participam de grupos que realizam atividades de cunho religioso, sendo essas as atividades majoritariamente realizadas pelos grupos juvenis, seguidas pelas atividades artísticas (em 32,1% dos casos) e esportivas (24,8%).

<sup>20</sup> Entretanto, cabe ressaltar que, na pesquisa quantitativa, os(as) entrevistados(as) que declararam estar estudando responderam a uma pergunta sobre o tipo de atividades realizadas em suas escolas, e o item “debates” foi a terceira atividade mais mencionada [ou seja, para 60,5% dos(as) entrevistados(as) que estavam estudando, após as festas e as apresentações artísticas]. A oferta dessa atividade se dá, em todo caso, de forma bastante desigual: enquanto 73,6%

surgiu com força o tema da gravidez na adolescência e do controle de natalidade; nesse sentido, foi marcante a participação de uma jovem mãe de 17 anos, que defendeu o direito de ligar as trompas antes da maioridade. Foi bastante marcante também a participação de uma jovem de classe A/B, que monopolizou a discussão no seu subgrupo e praticamente impediu que o grupo dialogasse e chegasse à construção de um consenso, a partir das opiniões e escolhas de cada um(a), levando para a plenária como única conclusão do grupo a “livre escolha” do Caminho Participativo. Foi marcante também a participação de uma jovem atuante no movimento estudantil. Esse grupo valorizou bastante, nas opiniões finais, o Diálogo como ocasião de aprendizagem.

3. Grupo de 18 a 24 anos. Esse foi o grupo no qual podemos dizer que a metodologia do Diálogo deu mais certo. Provavelmente por causa das características de alguns(mas) jovens que, mesmo tendo um domínio evidente da fala, estiveram atentos(as) e permitiram uma participação no diálogo mais efetiva por parte de todos(as) os(as) presentes. Foi o grupo em que se fizeram mais referências ao Caderno durante o Diálogo na plenária e nos subgrupos, e no qual tivemos menos dificuldades com o entendimento das tarefas e dos objetivos do Diálogo, ou seja, com a apropriação da metodologia pelos(as) participantes. Foi também o grupo em que foi mais fácil a tarefa de identificar semelhanças/diferenças nas apresentações dos subgrupos na parte da tarde, provavelmente porque havia muitas posições diferentes e cada grupo e indivíduo defendeu a sua posição de forma bem decidida. Na parte da manhã, houve uma interessante discussão sobre o direito ao trabalho dos(as) aposentados(as). Nas opiniões finais, esse grupo mostrou claramente que o que mais tinha valorizado na experiência do dia era a possibilidade de se expressar, de confrontar a própria opinião com as dos outros.
  
4. Primeiro Grupo de 15 a 24 anos. Esse foi, sem dúvida, o grupo mais disperso, mais apático, no qual o Diálogo propriamente menos aconteceu. Foi também o grupo com o menor número de participantes (22), o que nos levou a remanejar os(as) presentes<sup>21</sup> entre três subgrupos (em vez de quatro). Nesse grupo, monopolizaram a fala três jovens de classe A/B, com posições bastante conservadoras a respeito da organização social. Ficou marcante a separação, na sala da plenária, entre meninas e meninos, cada gênero ocupando claramente uma parte da sala. Faltaram, de fato, as meninas mais animadas, que marcaram com sua presença os outros grupos. As jovens presentes pareciam bem mais interessadas em fazer amizade entre elas do que em dialogar. Nesse grupo, uma jovem expressou seu cansaço de uma forma bem clara: *“Estou com dor de cabeça, nunca passei um dia inteiro estudando na minha vida!”* Na parte da manhã, discutiu-se muito

---

dos(as) jovens de classe A/B têm acesso a debates em suas escolas; entre os(as) jovens de classe D/E, essa porcentagem baixa para 54,9%.

<sup>21</sup> Em todos os Diálogos, tivemos que fazer um remanejamento dos(as) participantes em cada subgrupo, tentando substituir os(as) participantes que não chegaram com outros(as) que tinham as mesmas características sociais, para respeitar as necessidades da amostra.

sobre a escola, alegando que os(as) jovens também são os(as) causadores(as) dos problemas da escola enquanto são acomodados(as), não têm acompanhamento familiar, não estão interessados(as) em aprender. Um jovem, estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal Rural, fez umas falas dissonantes, identificando claramente a causa dos problemas sociais na falta de políticas sociais efetivas.

5. Segundo Grupo de 15 a 24 anos. Esse foi um grupo decididamente *sui generis*: os(as) jovens, muito descontraídos(as) e alegres, chegaram no final a questionar a própria metodologia da pesquisa e a posição dos(as) facilitadores(as), engajando-se em um metadiálogo bastante interessante. Essa discussão foi provocada por um jovem que contou que o padrasto tinha falado para ele que tudo o que teria acontecido no dia não serviria para nada: *“Para mim, isso aí não vai adiantar nada, vai ficar por isso mesmo. (...) Vocês vão depois fazer uma matéria, vão analisar e vão levar essa proposta pra o que está marcado aqui na carta que eu recebi na minha casa, não sei se isso vai pra Brasília. Aí eles vão ler e na mesma hora vão jogar no lixo. Não vai adiantar nada. Agora eu lhe pergunto: estou certo ou errado?”* Alguns(mas) jovens ficaram revoltados(as) com a colocação dele, enquanto uma jovem defendeu abertamente o direito de expressar opiniões, mesmo se discordavam da maioria, fazendo referência aos compromissos assumidos para o Dia de Diálogo e colocados num *banner*. Ficou marcante nesse Diálogo a participação de alguns(mas) jovens evangélicos(as), portadores(as) de uma retórica muito forte sobre a necessidade da ação, do *“não desistir nunca dos nossos sonhos”*. Um desses jovens participava também de um conselho escolar e do grêmio estudantil, e ficou também defendendo a importância da união e da organização dos(as) jovens.

---

## 4. Comentários sobre a metodologia

No geral, os Grupos de Diálogo correram muito bem na parte da manhã, quando foi fácil animar a discussão. Os(as) jovens estavam claramente à vontade para dialogar sobre temas que dizem respeito diretamente à vida deles(as): escola e trabalho, principalmente. Os Diálogos revelaram questões muito interessantes sobre a realidade dos(as) jovens, inclusive sobre temas que não eram objeto da pesquisa, como a segurança, o controle de natalidade, a discriminação social.

Nas tardes, quando os(as) jovens deveriam dialogar sobre os Caminhos Participativos, animar a discussão ficou sendo uma tarefa bem mais complicada. A tarefa de ler e comentar cada Caminho escrito no Caderno revelou-se uma tarefa extremamente difícil de ser cumprida, devido às grandes dificuldades com a leitura e a compreensão do texto. Num grupo, uma jovem expressou isso de forma clara: *“Quería levar isso para casa, para poder ler e sintetizar com calma”*.

Vale ressaltar aqui os baixos índices de escolaridade dos(as) jovens na RMR, que a pesquisa quantitativa revelou ser consideravelmente mais baixos do que no restante do país. Vejamos a tabela 3:

Tabela 3: Escolaridade

	Até Ensino Fundamental completo	Até Ensino Médio incompleto	Ensino Médio completo ou mais
RMR %	37,2	35,9	26,9
Dados agregados das RMs	24,3	42,5	33,2

Além disso, 50% dos(as) jovens da RMR declararam não ter lido nenhum livro durante o último ano (enquanto nos dados agregados das RM pesquisadas, essa porcentagem é de 40,1%).

A tarefa de ler e comentar o texto fazia assemelhar bastante o trabalho do subgrupo com um trabalho escolar. Por isso, houve grupos em que se decidiu ler o texto e depois fazer comentários escritos, que na realidade, eram mais tentativas de síntese do texto lido.

Foi também difícil, para alguns(mas) jovens, a tarefa de apresentar as conclusões do trabalho dos subgrupos na plenária: não é evidente expressar as idéias em frases sintéticas, ainda mais para quem nunca manuseou uma folha de *flipchart* (isso ficou particularmente evidente no grupo de jovens de 15 a 17 anos, no qual o próprio objeto *flipchart* pareceu ser, para a maioria, um objeto desconhecido). Às vezes, os(as) jovens preferiram colocar as idéias em folhas de papel A4; poucas vezes recorreram a outras linguagens para expressar suas idéias [mesmo sendo convidados(as) a fazê-lo, se preferissem]: algumas vezes fizeram desenhos, enquanto um grupo sintetizou suas idéias cantando uma música de Gabriel, o Pensador.

A metodologia dava bastante relevância às discussões nos subgrupos: nos momentos de discussão em plenária, os(as) participantes deviam identificar as semelhanças, ou seja, os temas comuns e as diferenças entre as apresentações de cada subgrupo. Nesse sentido, uma das dificuldades encontradas foi o fato que muitos dos(as) apresentadores(as) não eram fiéis às discussões ocorridas nos subgrupos, colocando opiniões que não faziam parte das apresentações preparadas nesses grupos. Como sugestão, para próximos Diálogos, pensamos que seria interessante que fosse um(a) facilitador(a) jovem, devidamente treinado(a), a apresentar o trabalho dos subgrupos, para garantir a fidelidade com o Diálogo ocorrido, sem perder opiniões e discussões interessantes e importantes para a finalidade da pesquisa.

Em todo caso, os(as) jovens, na plenária, geralmente ficavam falando em primeira pessoa, e não pelo grupo. Ficou difícil, portanto, chegar a construir consensos que fossem relacionados exclusivamente ao trabalho dos subgrupos

A distração, dispersão, sonolência, cansaço ressentidos nos subgrupos na parte da tarde se explicitavam claramente nas freqüentes saídas para fumar, para ir ao banheiro, nas conversas paralelas, no fugir do tema. Ficou para nós uma pergunta: o grande sono e cansaço dos(as) jovens na parte da tarde, explicitados claramente por um jovem que num grupo disse *“Parece que botaram sonífero na comida!”*, talvez fosse devido à falta de interesse, distância ou pouca familiaridade com o tema a ser discutido.

Por mais tentávamos explicar o conteúdo e as diferenças entre os Caminhos, na plenária do começo da tarde, recorrendo a uma nova apresentação do CD e estimulando para que os(as) próprios(as) jovens fizessem exemplos de experiências conhecidas que pudessem se enquadrar em cada Caminho, parecia que, quando os(as) jovens chegavam nos espaços de discussão dos subgrupos, tudo que tinha sido explicado e discutido na plenária era esquecido, e o grupo ficava perdido frente a uma tarefa não compreendida ou não assimilada.

O pouco interesse dos(as) jovens com o tema da participação, ou seja, o fato que mesmo havendo interesse, isso não justificava dedicar uma tarde a debater e fazer escolhas sobre possíveis Caminhos de Participação. Em alguns casos, ficou bastante evidente. No último Diálogo, duas jovens (as que mais tinham se colocado no grupo) explicitaram isso claramente: mais que discutir de participação, interessa a elas ter oportunidades de emprego, porque emprego para elas não significa somente poder suprir as nossas necessidades, mas também se realizar na vida. Nas palavras delas: *“Tudo que queremos é emprego!”*, *“Emprego é também auto-realização”*.

Assim, a equipe formulou duas conclusões gerais com relação à aplicação da metodologia. A primeira é sobre a evidente dificuldade da tarefa realizada, sobretudo tomando em conta o pouco tempo que tivemos para nos apropriar da metodologia, as mil dúvidas que surgiram no decorrer da realização dos Diálogos; dúvidas que, na maioria das vezes, e inevitavelmente pelo caráter inédito da aplicação da metodologia, ficaram sem resposta. De certa forma, podemos considerar que toda esta pesquisa serviu como piloto para testar a aplicação da metodologia no contexto brasileiro.

A segunda consideração diz respeito à escolha do tema: a questão da participação. Nos pareceu evidente ser um tema extremamente complexo e difuso, ou seja, pouco preciso, para poder ser investigado com esta metodologia. Chegamos a levantar como hipótese que a realização dos Diálogos provavelmente daria resultados mais significativos se fossem abordados temas mais próximos da realidade dos(as) jovens, como foram evidentemente os temas abordados na parte da manhã. Em particular, temas como as políticas de cotas, o acesso à universidade de forma geral, o acesso ao mundo do trabalho e os direitos dos(as) jovens trabalhadores(as), a qualidade do ensino, seriam abordados com mais interesse e envolvimento por parte dos(as) jovens. Em todo caso, achamos importante que o próprio objeto de pesquisa seja definido junto com os(as) diretos(as) interessados(as), ou seja, os(as) jovens.

Finalmente, cabe ressaltar um grande e importante mérito da metodologia: ter colocado os(as) jovens em situação de diálogo, ou seja, dar a possibilidade de ter acesso a um espaço de discussão, escuta, expressão das diferentes opiniões e troca de experiências. Para a maioria dos(as) jovens foi, sem dúvida, uma experiência inédita à qual deram muito valor. Iremos retomar mais na frente esta questão, apresentando os dados sobre a avaliação expressa pelos(as) participantes ao final dos Grupos de Diálogo. Em todo caso, nos parece um resultado extremamente positivo da pesquisa ter identificado o desejo dos(as) jovens de participar de espaços de discussão desse tipo. Mesmo assim, identificamos uma grande dificuldade para, efetivamente, dialogar, expressar suas opiniões sem querer convencer o outro ou prevalecer sobre as opiniões do outro, sobretudo por parte dos(as) jovens engajados(as) no movimento estudantil. Algumas vezes, mas somente no último diálogo de forma mais incisiva, alguns(mas) jovens fizeram referência, durante a discussão, aos compromissos assumidos com relação ao andamento do Diálogo (principalmente com relação ao respeito pela opinião dos outros).

Outro mérito importante da pesquisa é o de abrir caminhos para novas investigações, ou seja, assumir que, no campo da juventude, ainda há muito a se fazer em termos de diagnósticos e análises mais aprofundados sobre a realidade dos(as) jovens brasileiros(as). São inúmeras as temáticas que se abrem para futuras investigações, desde as diferentes posturas de homens e mulheres frente ao diálogo, ou seja, a própria dinâmica dos grupos de discussão e a forma como os diferentes sujeitos se envolvem neles, até pesquisas sobre temas como a apropriação, por parte dos(as) jovens, do discurso elaborado pelo mundo adulto, a construção de um discurso autônomo que expresse suas necessidades; ou o papel da igreja, e das diferentes igrejas, como instâncias formadoras.

Em termos das dificuldades encontradas na aplicação da metodologia, o mais difícil foi entender o papel dos(as) facilitadores(as), até onde provocar o grupo para o diálogo, até onde questionar escolhas e afirmações, até onde aplicar o princípio da auto-organização dos grupos, até onde intervir para explicar os passos a seguir e de que forma, até onde intervir para evitar a evidente monopolização da fala por parte de alguns(mas) poucos(as). Isso sobretudo no trabalho dos subgrupos. Se, na parte da manhã, a nossa intervenção foi mínima, pelo fluir mesmo da metodologia do Diálogo, na parte da tarde os evidentes impasses, as dificuldades de compreensão tanto da tarefa, como da pergunta, do próprio conteúdo do Caderno requeriam uma

intervenção muito mais significativa da nossa parte. Às vezes chegamos a nos perguntar se, intervindo para tentar esclarecer o Caminho a seguir no desenvolvimento da tarefa do subgrupo, tínhamos conseguido esclarecer as dúvidas ou, ao contrário, a nossa intervenção não tinha tido o efeito oposto, ou seja, de complicar ainda mais o entendimento.

Para muitos de nós, que trabalham em projetos de intervenção com grupos de jovens, foi a primeira vez que entramos mais diretamente em contato com os(as) jovens “não organizados(as)”, os(as) que normalmente não circulam nos espaços das nossas intervenções. Ao mesmo tempo, o risco de fazer prevalecer o papel de educador(a) e a finalidade educativa da metodologia sobre o papel de pesquisador(a) e a finalidade da indagação, observação, análise, ou o contrário, para as equipes do campo acadêmico, representou um desafio.

## OS RESULTADOS

### 5. Comentários iniciais

Os comentários iniciais foram bastante curtos. A maioria dos(as) participantes seguiu a instrução de dizer “em apenas uma palavra” o que mais os(as) preocupava no Brasil. Abaixo apresentamos uma tabela (tab. 4) com a síntese e a recorrência dos principais temas levantados como preocupações dos(as) jovens no início dos nossos Diálogos.

Tabela 4

Comentários iniciais (temas/questões)	Grupo de Diálogo 15-18	Grupo de Diálogo 18-24	1º Grupo de Diálogo 15-24	2º Grupo de Diálogo 15-24	Grupo de Diálogo Experiência Participativa	Total por temas
Violência/ Segurança/ Criminalidade	10	12	6	11	13	52
Educação	9	4	7	4	4	28
Desemprego/ Trabalho/Falta de Oportunidade	3	10	1	6	5	25
Drogas/Tráfico	1	2	1	3		7
Desigualdade social/Distribuição de renda		2	4	1		7
Saúde	2	2		2		6
Crianças e jovens na rua/ Pobreza/Miséria	2		1		2	5
Fome				1	1	2
Moradia/ Saneamento básico	1				1	2
Discriminação/ Preconceito			2			2
A vida/O futuro dos(as) jovens		1	1			2
Gravidez na adolescência					1	1
Sistema de cotas (na educação)	1					1
Política			1			1
Outros	1	1	1	1	3	7

As principais preocupações<sup>22</sup> são, de longe, violência, educação e trabalho, o que coincide com os dados de outras pesquisas acerca da juventude brasileira<sup>23</sup>. De fato, esses foram os grandes temas que absorveram boa parte das discussões na parte da manhã.

Além destas três preocupações, chama-nos atenção a preocupação dos(as) jovens com a desigualdade social, a pobreza e os problemas que estão diretamente ligados à má distribuição de renda: fome, doenças, envolvimento com o tráfico e criminalidade, moradia. Juntos, esses problemas, que se relacionam às dificuldades financeiras, foram apontados por mais de 20% dos(as) jovens que participaram. Alguns Diálogos desenvolvidos ao longo das manhãs dos encontros aprofundaram essas preocupações.

Por outro lado, algumas importantes reflexões ocorridas durante os Diálogos não aparecem de forma expressiva nos comentários iniciais dos(as) participantes. É o que podemos constatar pela observação da frequência de citações a respeito das condições de vida dos(as) jovens [o que foi mencionado apenas por dois(duas) jovens], gravidez na adolescência, sistema de cotas e política, que mesmo citados somente uma única vez, motivaram amplas discussões ao longo do dia.

É importante destacar que alguns dos comentários relacionavam diferentes problemas e já apontavam um ponto de convergência: qualidade de vida no Brasil. Por exemplo, um participante do GD3 (18-24 anos) disse: *“A minha preocupação é a falta de oportunidade, que aqui no Brasil não existe para os jovens. É assim, ele vai procurar emprego, não tem experiência, está começando agora, e onde é que ele vai arrumar dinheiro? Assaltando, entrando no tráfico de drogas?”*

As diferenças etárias se expressaram particularmente nos dois Diálogos não mistos, no sentido de que os(as) mais novos(as), de 15 a 17 anos, expressaram mais preocupação com relação à educação, e os(as) mais velhos(as), de 18 a 24, com relação ao trabalho.

## 5.1 Semelhanças e diferenças

### A) Sobre educação, trabalho, cultura e lazer

As principais semelhanças identificadas entre as apresentações dos subgrupos sobre o tema da educação foram:

- Qualificação dos(as) professores(as) (em três dos cinco grupos)
- Investimentos do governo em educação (em dois dos cinco grupos)
- Fiscalização nas escolas (em dois dos cinco grupos)
- Comodismo/desinteresse (em dois dos cinco grupos)
- Cursos pré-vestibular (em dois dos cinco grupos)

---

<sup>22</sup> No anexo 1 colocamos alguns exemplos de comentários iniciais dos(as) jovens participantes.

<sup>23</sup> Na pesquisa realizada pelo Projeto Juventude, o *ranking* das preocupações foi: segurança/violência, emprego/profissional, drogas e educação. Mas as percentuais das últimas duas questões foram bem menores.

O tema da educação é aquele sobre o qual os(as) jovens demonstraram ter mais o que falar. Independente da idade, todos(as) eles(as) vivenciaram ou vivenciam a experiência da educação escolar, e o Diálogo sobre a educação voltou-se diretamente para a realidade das escolas brasileiras, especialmente as escolas públicas. A escola privada, na maioria das vezes em que foi citada, serviu para demarcar uma diferença com aquilo que consideram bom em termos de educação, apesar de que os comentários não foram sempre unânimes em apontar o ensino privado como de melhor qualidade em relação ao ensino público. Foram os(as) jovens estudantes de escolas privadas que às vezes questionaram essas colocações, defendendo a idéia de que não há diferenças qualitativas consideráveis entre os dois sistemas de ensino, o que provocou, especialmente no último Diálogo, um embate entre os(as) participantes.

Além da escola, foram pouco citados outros espaços de aprendizagem, mencionaram apenas a casa/família e os cursos (profissionalizantes e pré-vestibulares, principalmente) que podem acontecer também fora da escola, por iniciativa de *“quem sabe mais e pode ensinar um pouco pros outros”*, ou seja, fazendo relação com o tema do voluntariado.

Chama a atenção o fato de que os(as) jovens não consideram os(as) professores(as) como os “culpados(as)” pela má qualidade do sistema educacional, e sim como outras vítimas de um sistema que não valoriza a educação: a escola é ruim, na opinião dos(as) jovens, principalmente porque os(as) professores(as) não são suficientemente qualificados(as).

As três semelhanças citadas logo após, ou seja, os investimentos do governo, a fiscalização e o comodismo e desinteresse, revelam também algumas intervenções necessárias, na opinião dos(as) jovens, no espaço da escola. Destacamos alguns desdobramentos para as semelhanças supracitadas:

<p><b>Investimentos do governo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- restauração e manutenção da estrutura física das escolas;</li> <li>- aquisição de equipamentos (como computadores, carteiras e equipamentos para laboratórios de Ciências);</li> <li>- aquisição de material didático para os(as) estudantes, <i>“inclusive do Ensino Médio”</i>;</li> <li>- criação/melhoria das bibliotecas escolares, incluindo diversificação e ampliação dos acervos;</li> <li>- aumento salarial para os(as) professores(as) (<i>“pois com o aumento de salário, os professores terão mais gosto de ensinar”</i>).</li> </ul>
<p><b>Fiscalização</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>“deveria haver fiscalização dentro das escolas, pra monitorar os professores e os alunos”</i>;</li> <li>- reivindicação por um canal de participação nas decisões escolares: <i>“E na escola pública, vai recorrer a quem? Ao governo? O diretor não aparece, não tem nada lá, vai dizer a quem? (...) Não tem como pressionar o professor a ensinar, não tem nada, eles batem o ponto e pronto!”</i>.</li> </ul>
<p><b>Comodismo/ Desinteresse</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- desinteresse dos(as) estudantes: <i>“A gente também não pode meter o pau no governo porque o governo investe na educação, mas deveria investir mais também por causa da gente, porque a gente, em escola pública, quebra cadeira, picha a parede, e assim vai.”</i> Ou <i>“Não adianta o governo nos ajudar se a gente não ligar (...) Porque se eles nos ajudarem, a gente tem que receber ajuda, nos interessar por aquela ajuda”</i>;</li> <li>- desinteresse também por parte dos(as) professores(as): <i>“Aí, muitas vezes, eles [os professores] faltam aula, nem se preocupam. Os aluno da escola pública também não se interessam”</i>.</li> </ul>

As colocações sobre a necessidade de investimentos do governo remetem diretamente à precariedade das condições de funcionamento da escola pública.

A “fiscalização nas escolas” parece indicar a reivindicação de um canal de comunicação entre os(as) estudantes e os(as) responsáveis pela execução e monitoramento das políticas educacionais: os(as) jovens reivindicam explicitamente a possibilidade de participar nas decisões acerca das diretrizes que norteiam o funcionamento escolar.

Esta observação confirma os dados recolhidos na pesquisa quantitativa, que mostraram um descompasso entre a oferta e a fruição de debates na escola sobre o tema da proposta pedagógica: enquanto somente 41,6% dos(as) jovens declararam que esse tema era debatido em suas escolas [considerando somente os(as) entrevistados(as) que responderam afirmativamente à pergunta sobre a existência de debates em suas escolas], bem 89,9% dos(as) jovens declararam ter participado dos debates sobre esse tema. Interessante notar que, nas escolas onde estudam os(as) jovens de classe A/B, a oferta de debates sobre esse tema é maior do que nas escolas onde estudam os(as) jovens de classe D/E.

Mas, se por um lado, os(as) jovens identificam o papel fundamental do governo na melhoria do sistema educacional, por outro lado, igualmente recorrentes são as falas sobre as responsabilidades que cabem aos(às) próprios(as) jovens enquanto alunos(as). Ou seja, a escola é ruim não somente por culpa do Estado, e sim também por falta de interesse dos(as) cidadãos(ãs).

Criar mais cursos pré-vestibulares gratuitos foi citado como uma alternativa para o ingresso da população de baixa renda no ensino superior. Em nosso primeiro Diálogo, foi mencionado como uma alternativa à política de cotas, evitando dessa forma o risco de serem discriminados(as) por ter ingressado na faculdade através das vagas reservadas aos(às) negros(as) ou aos(às) egressos(as) de escolas públicas.

De fato, o tema da política de cotas foi objeto de muitas discussões. Em todos os Diálogos houve alguém que se referiu, sempre de forma bastante crítica, a essa questão, mostrando ser um tema que, na atualidade, absorve bastante a atenção dos(as) jovens, sobretudo daqueles(as) que estão tentando ingressar na universidade [como era o caso, pela faixa etária majoritariamente presente nos diálogos, dos(as) jovens participantes dos nossos encontros]. Poucos foram os(as) jovens que defenderam essa política. No geral, o argumento usado contra foi que a reserva de vagas nas universidades para negros(as) e índios(as) estimula, no lugar de combater, a discriminação, e que as verdadeiras questões a serem enfrentadas seriam a melhoria da qualidade da escola e a superação das desigualdades sociais. Mas em todos os grupos houve também algum(a) jovem que defendeu, de alguma forma, a política de cotas, e por isso sempre houve um debate bastante aceso sobre esse tema que nunca apareceu entre as semelhanças, e sim, entre as diferenças.

De fato, o acesso à universidade foi um tema muito recorrente entre os(as) jovens. No D3, uma jovem chegou a dizer: *“Vou falar uma coisa que eu pensei há algum tempo: se eu tiver oportunidade de falar ao Presidente, a primeira coisa é a falta de oportunidades para os jovens entrarem na universidade”*.

Sobre o tema do trabalho, as principais semelhanças encontradas nos grupos foram:

- Empregos para jovens sem experiência (em quatro dos cinco grupos)
- Oportunidades de trabalho (em três dos cinco grupos)
- Cursos de qualificação profissional (em três dos cinco grupos)

A primeira semelhança acerca do trabalho diz respeito à necessidade de acesso ao trabalho. De fato, como demonstram os dados da pesquisa quantitativa, os(as) jovens da RMR têm grandes dificuldades para ter acesso a um trabalho digno: do total dos(as) jovens entrevistados(as), somente 25,2% declararam estar trabalhando, enquanto o mesmo dado nos agregados das Regiões Metropolitanas pesquisadas é de 39,3%. A classe social, a cor e o sexo são discriminantes importantes no acesso ao trabalho: enquanto 29,3% dos(as) jovens de classe A/B declararam estar trabalhando, essa porcentagem baixou para 23,8% entre os(as) entrevistados(as) de classe D/E; os(as) pardos(as) trabalham menos do que os(as) brancos(as), as porcentagens são de 22,4% contra 28,1%; as mulheres trabalham muito menos do que os homens (17% de respostas afirmativas das mulheres contra 33,5% dos homens). Para quem consegue ingressar, a situação de trabalho é bastante precária: dos(as) que trabalham, 28,2% são empregados(as) sem carteira assinada, 25,4% são autônomos(as) sem INSS e somente 23,8% são empregados(as) com carteira assinada (essa porcentagem é significativamente menor do que no restante do país, ou seja, nos dados agregados das Regiões Metropolitanas pesquisadas, a porcentagem de jovens que trabalham com carteira assinada é de 30,5%). Os(as) jovens mais novos(as) e os(as) mais pobres são os que sofrem mais com situações de trabalho precárias. 65% dos(as) jovens entrevistados(as) declararam estar buscando trabalho.

Os(as) jovens reivindicam a ampliação dos empregos para quem ainda não tem experiência profissional, denunciam a contradição que vivenciam diante da busca pelo emprego, como bem destacou uma participante na plenária do nosso 3º Diálogo: *“Eles falam que tem o primeiro emprego. Que primeiro emprego é esse que a gente vai procurar e eles pedem logo: ‘cadê a experiência?’ Como é que a gente pode ter experiência se não nos dão oportunidade?”*. Das reflexões acerca da inserção juvenil no mundo do trabalho, o que emerge nos cartazes de semelhanças são frases que representam sugestões/contribuições para a solução desse dilema; as sugestões apontam pelo menos três direções: reserva de vagas para jovens sem experiência, isenção fiscal para empresas que contratem jovens sem experiência e, por fim, maior oferta de cursos de qualificação profissional (que aparece como uma semelhança à parte).

As duas últimas semelhanças (principalmente a que diz respeito à carência de oportunidades de trabalho) refletem uma preocupação/tensão freqüente nos diálogos da RMR: ressaltam a necessidade de olhar e preocupar-se com problemas gerais, não apenas com aqueles que afetam mais diretamente à juventude. Além da escassez de postos de trabalho para jovens e não-jovens, eles também trazem à tona a ausência/escassez de formação profissional, bem como denunciam que alguns programas de qualificação profissional não refletem as demandas do mercado de trabalho e, por isso, reivindicam não apenas a capacitação para o trabalho, mas *“capacitações ligadas às vagas disponíveis”*.

A principal semelhança identificada sobre o tema cultura e lazer foi o resgate/estímulo da cultura local (em três dos cinco grupos).

Esse foi o tema sobre o qual os(as) jovens menos dialogaram e, em quase todos os Diálogos, tivemos que chamar a atenção deles(as) sobre a falta de colocações, na hora da busca das semelhanças entre as apresentações, que se relacionassem com esse tema. As semelhanças encontradas foram bem poucas, fundamentalmente relacionadas com a questão mais recorrente, a valorização da cultura local, que é colocada em contraposição à veiculação massiva dos elementos culturais estrangeiros ou de toda forma estranhos à cultura pernambucana, especificamente com relação à música. Os(as) participantes destacaram que o(a) principal responsável pela valorização e difusão de músicas e espetáculos próprios da cultura pernambucana é o(a) próprio(a) jovem, que deve procurar conhecer mais sobre maracatu, frevo e outras manifestações culturais da região que, segundo eles(as), são muito ricas. Destacam ainda que existem apresentações desse tipo no Recife, mas o que falta principalmente é divulgação e também interesse por parte dos(as) próprios(as) jovens.

Num Grupo de Diálogo, chegou-se a orientar fortemente a discussão ao redor da questão “o brega<sup>24</sup> é ou não pernambucano”. Muitos(as) jovens, questionando o universo cultural veiculado pelo brega que, segundo eles(as), seria responsável pela desmoralização dos costumes entre os setores populares, e até pela gravidez na adolescência, argumentaram que o brega é uma música vinda de fora, da cultura norte-americana ou, no mínimo, da região norte do país. Frente a essas colocações, um jovem se lançou numa defesa das origens locais da música brega, citando alguns renomados cantores de brega de outra época.

Nessa temática, podemos destacar ainda quatro reflexões que – apesar de não terem sido mencionadas nos cartazes de síntese das semelhanças – se repetiram bastante nas apresentações dos subgrupos:

- Alto custo dos eventos culturais (em três dos cinco grupos)
- Faltam investimentos do governo (em dois dos cinco grupos)
- Falta segurança nos eventos e nos espaços de lazer (em dois dos cinco grupos)
- É preciso descentralizar os equipamentos/espços de cultura e lazer: construir parques e praças, promover eventos culturais em diferentes bairros (em dois dos cinco grupos)

Estas últimas reflexões apontam para a hipótese levantada por uma das jovens: “(...) se você não tem trabalho, não tem como fazer lazer”. A fruição do lazer implica custos que não podem ser assumidos diretamente pelos(as) jovens.

A reivindicação sobre a construção de parques e praças nos remete a alguns dados levantados na pesquisa quantitativa, que mostraram como na RMR parece ter uma ocupação maior dos espaços públicos abertos, em contraposição à tendência à reclusão e segregação típica das sociedades de consumo: enquanto na RMR, os parques e praças estão em primeiro lugar

---

<sup>24</sup> O brega é um estilo musical que mistura ritmos caribenhos com rock, muito difuso nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, especificamente entre as classes populares.

entre os espaços freqüentados pelos(as) jovens, nos dados agregados das Regiões Metropolitanas pesquisadas, o primeiro lugar é ocupado pelos shoppings. É particularmente gritante a falta de acesso a cinemas, teatros, museus.

Por outro lado, algumas vezes foram feitas referências às atividades culturais como formas de ocupar o tempo dos(as) jovens para fazer coisas boas [ao invés de ficarem ociosos(as)], numa evidente instrumentalização da cultura, assim como está acontecendo em muitos programas governamentais e não-governamentais.

Num Grupo de Diálogo, foi feita uma relação direta entre os três temas, mostrando os paradoxos em que se embatem os(as) jovens: se você não tem acesso a uma escola de qualidade, não consegue um trabalho, e se você não ganha dinheiro, não pode ter acesso à cultura e ao lazer.

Além dos temas educação, trabalho e cultura e lazer, sobre os quais os(as) jovens eram explicitamente orientados(as) a dialogar a partir da pergunta orientadora do trabalho dos subgrupos (*“Pensando na vida que você leva como jovem brasileiro(a), o que pode melhorar na educação, trabalho e nas atividades de cultura e lazer?”*), os(as) jovens participantes dos diálogos na RMR aproveitaram o momento do Diálogo da manhã para conversar sobre outros temas de interesse deles(as). Listamos a seguir dois temas que mais chamaram a atenção dos grupos:

- Violência/segurança: foi um tema bastante recorrente, e os Diálogos faziam referência principalmente à falta de segurança nos bairros e nas escolas. Os(as) jovens geralmente pediam mais investimentos nesse sentido, chegando a discutir também sobre as condições de trabalho dos(as) policiais, os baixos salários e a falta de qualificação.
- Aborto/controle de natalidade: foi um tema fortemente discutido, em particular em um Grupo de Diálogo. Nunca chegou-se a formular algum consenso a respeito desse tema, que apareceu mais entre as diferenças. *“Questão do aborto: a maioria é contra, mas alguns aceitam em caso de estupro”* (D1); *“necessidade de controle, ter no máximo dois filhos, a exemplo de outros países como o Japão; tem gente que pode ter quatro, cinco filhos, pode manter; controle dependendo da renda; depende da consciência de cada um – é preciso informação; deve se poder fazer ligação mais cedo; a lei deve ser igual para todos; tem gente que pensa que ter mais um filho significa mais gente pra trabalhar.”* (D2)

O tema das desigualdades sociais foi o pano de fundo de muitas conversas, tanto sobre a escola como sobre o acesso ao trabalho.

Outros temas, como o das drogas, foram discutidos nos subgrupos, mas não chegaram na plenária. Foi o caso também da discriminação que sofrem os(as) jovens no trabalho, ou seja, as difíceis condições de trabalho dos(as) jovens que conseguem acessar o mercado. Formularam-se também críticas aos programas governamentais, como o Bolsa-Escola que, segundo a opinião de alguns(mas), é usada mais para “farrear e beber”.

## B) Sobre participação

As semelhanças identificadas nas plenárias da tarde sobre o tema da participação foram relacionadas às questões:

- União dos(as) jovens para reivindicar direitos (em quatro dos cinco grupos)
- Voluntariado (em quatro dos cinco grupos)
- As escolhas não são excludentes (em três dos cinco grupos)
- Atuação dos grupos juvenis culturais (em dois dos cinco grupos)
- Maior participação dos(as) jovens (em dois dos cinco grupos)
- Os grupos juvenis permitem a expressão dos(as) jovens (em um dos cinco grupos)
- O papel da política (em um dos cinco grupos)
- Ter poder (em um dos cinco grupos)
- Constância na participação (em um dos cinco grupos)

As primeiras duas semelhanças<sup>25</sup> dizem respeito à discussão que mais foi recorrente nos grupos: a luta por direitos e o trabalho voluntário. Cada um dos temas apareceu como semelhança em quatro dos cinco Grupos de Diálogo. Com exceção do último grupo, que foi, como assinalamos acima, um grupo bastante *sui generis*, em todos os grupos se discutiu bastante sobre o papel da política e a importância de se juntar para reivindicar direitos, chegando-se a definir consensos sobre isso. A luta por direitos, bandeira dos movimentos sociais desde a época da redemocratização do país, parece ter sido incorporada também no discurso dos(as) jovens, pelo menos daqueles(as) que definimos como sendo os(as) “detentores(as) da fala”.

Com relação ao tema do voluntariado, em quase todos os grupos se chegou ao consenso sobre a importância de realizar ações de voluntariado para enfrentar os problemas sociais, dando ênfase no fazer, ajudar ao próximo e à comunidade em geral. Somente no diálogo com jovens de 18 a 24 anos que, como assinalamos acima, foi o grupo que menos chegou a identificar semelhanças, o tema do voluntariado apareceu exclusivamente nas diferenças, ou seja, o grupo não chegou a um consenso sobre a vontade, o interesse, a importância de se engajar em ações de voluntariado. Vejamos os argumentos, como apareceram no quadro das diferenças definidas por esse grupo (que podem ser consideradas bastante emblemáticas das discussões que houve em todos os grupos sobre o tema):

---

<sup>25</sup> No Anexo 2, colocamos a listagem completa das semelhanças identificadas nos Grupos de Diálogo.

Contra o voluntariado	A favor do voluntariado
<i>Não vai acordar o governo com o voluntariado.</i>	<i>O voluntário luta por soluções.</i>
<i>Voluntariado é bom na parte social. Você vai ter experiências, mas, para o curriculum, não serve.</i>	<i>Ser voluntário nas horas vagas para combater as desigualdades sociais.</i>
<i>Na parte financeira, o voluntariado não ajuda.</i>	<i>O voluntariado não vai mudar a nossa realidade, ajuda.</i>
	<i>Com trabalho voluntário, a gente consegue chamar a atenção do governo.</i>
	<i>Cada um, com sua contribuição, pode conseguir muito mais do que através de um líder.</i>

Nesse grupo foram formuladas também diferenças com relação ao Caminho 1, expressando diferentes opiniões sobre o poder de transformação do povo organizado, a relação com os(as) políticos(as) e a própria possibilidade da organização:

- Cada um se deslocar de sua casa e ir para a rua para defender seus direitos, reivindicando as transformações que queremos.
- Pode se lutar contra o autoritarismo dos políticos.
- A gente pode tirar os governantes, pois somos nós que os elegemos.
- Estamos muito longe disso, muitas vezes só ligamos para os nossos interesses.

A discussão sobre política vs. voluntariado foi bastante acesa em todos os grupos, com argumentos que diziam respeito sobretudo à maior eficácia de uma ação com respeito à outra. O D4 explicitou claramente essa discussão nas diferenças: *“Fazer um trabalho voluntário pode dar mais resultados do que se juntar num movimento”* ou, ao invés, *“paralisando uma avenida se pode ter mais repercussão”*.

Mas na maioria dos casos, chegou-se a formular consensos que incluíssem as duas modalidades de ação, com falas do tipo: *“Eu acho que o voluntariado é um trabalho muito importante. Sem os voluntários, muita coisa no Brasil estaria parada, mas a gente não pode fugir à questão política, porque se nós não procuramos os nossos direitos, não vão ser os outros que vão nos dar”* (D1). Ou seja, apesar de reconhecer uma significativa diferença entre lutar por direitos, ação que no geral requer a união das pessoas, e realizar individualmente algum trabalho voluntário, os(as) jovens, na maioria das vezes, não acharam ser contraditório se engajar num tipo de ação e no outro ao mesmo tempo.

Essa afirmação nos remete a outro tema recorrente na identificação das semelhanças: o da livre escolha e da não contradição entre as formas de participação, tema abordado em três dos cinco grupos. No geral, os(as) jovens não pareciam identificar algum problema num engajamento múltiplo.

As semelhanças relacionadas ao Caminho 3, o dos grupos juvenis, foram identificadas somente em dois dos cinco Grupos de Diálogo (D1 e D4), e foram relacionadas exclusivamente à expressão musical: é possível fazer política através de uma música. No último Grupo de Diálogo, mesmo se essa semelhança não apareceu, um dos subgrupos escolheu expressar sua opinião por meio das palavras de uma música de Gabriel, o Pensador. Evidentemente, é muito presente no universo dos(as) jovens a força expressiva dos(as) cantores(as) [como os(as) *rappers*] que expressam por meio das músicas a crítica social.

Afirmações mais elaboradas sobre o tema dos grupos juvenis apareceram nos outros três grupos, exclusivamente como diferenças:

- *“Grupos que atuam no bairro, na igreja são importantes para enriquecer a história daqui, fazer cultura”* – D2
- *“Os grupos podem se juntar e fazer um grande grupo”* – D2
- *“Alguns grupos se fecham tanto que ficam entre si, não escutam o próximo”* – D3
- *“Tem grupos que conseguem muitas coisas, conseguem cursos para a comunidade, creches”* – D3
- *“O Caminho 3 é a base sólida, base do 1, que é o grupo mais formal”* – D3
- *“O Caminho 3 é mais próximo dos jovens, facilita sua expressão e entendimento, e leva à conscientização dos jovens”* – D5

A última semelhança, que foi identificada em pelo menos dois grupos, foi ao redor de uma genérica necessidade de uma maior participação da população e, em particular, dos(as) jovens.

O grupo com experiência participativa foi o grupo que mais identificou semelhanças, identificando mais uma semelhança com relação ao Caminho 3, ou seja, sobre a importância dos grupos juvenis enquanto espaços de expressão. O grupo também chegou a construir e negociar uma afirmação de consenso entre os(as) defensores(as) do voluntariado e os(as) defensores(as) da política: *“a política é importante, mas a gente não precisa depender dela”*. Por último, foi expresso o consenso sobre a necessidade de ter poder, ou seja, *“exercitar uma posição de destaque na sociedade”*.

No último grupo também foi identificada mais uma semelhança, com relação ao fato da participação não ser esporádica, ou seja, não acontecer somente no Natal; a participação, nesse caso, foi claramente identificada com o voluntariado.

Finalmente, podemos formular uma hipótese que relacione o andamento do Dia de Diálogo com a maior identificação de semelhanças ou de diferenças, considerando os três Grupos de Diálogo nos quais a discussão foi mais animada (sobretudo, como já notamos, com relação aos argumentos contra ou a favor dos Caminhos 1 e 2), ou seja, os D1, D3 e D5: no grupo de 18 a 24 e no segundo grupo misto foram identificadas quase exclusivamente diferenças; as semelhanças chegaram a ser identificadas somente sobre afirmações bastante genéricas, do tipo *“chamar a atenção do governo para a solução dos problemas das pessoas”* (D3) e *“os jovens devem*

*participar mais, independentemente de qualquer caminho” (D5). Ou seja, parece que quando houve uma discussão mais acesa, com a expressão de posições mais firmes, foi difícil construir consensos sobre os diferentes Caminhos. Ao invés, no grupo com experiência participativa, foram identificadas somente semelhanças, o que nos faz pensar que no grupo fosse mais forte, sobretudo entre os(as) “detentores(as) da fala”, a presença de jovens “políticos(as)”, acostumados(as) a fazer negociações para construir consensos entre diferentes posições. É uma hipótese que pode ser valorada comparando com os resultados dos Diálogos ocorridos nas outras regiões.*

No D5, chegou-se a formular um consenso sobre o Caminho do voluntariado: *“Muitas pessoas não ficam de braços cruzados, vão e fazem”*, expressando dessa forma uma constatação sobre a maior propensão das pessoas a “fazer”, bastante típica do universo juvenil.

Como já assinalamos anteriormente, a identificação das semelhanças entre as apresentações dos grupos foi uma das partes mais complicadas da aplicação da metodologia: geralmente, depois de ter identificado algumas evidentes semelhanças, os(as) jovens, nas plenárias, começavam a expressar a própria opinião pessoal, e alguns consensos foram construídos muito mais a partir dessas opiniões (pessoais, e não do subgrupo) que foram acatadas pela plenária (ou seja, quando não teve nenhuma expressão de opinião discordante<sup>26</sup>). Muitas vezes, recorremos ao recurso de voltar a ler as apresentações dos grupos colocadas nas folhas do *flipchart*, para ver se a plenária notava mais alguma semelhança ou diferença (o que, no geral, surtiu o efeito desejado).

## 5.2 Caminhos participativos

Colocamos a seguir um quadro-síntese sobre as escolhas realizadas pelos diferentes subgrupos com relação aos Caminhos Participativos:

Subgrupos	D1	D2	D3	D4	D5
Amarelo	3 (mas na realidade é um pouco de cada)	1 e 2	Síntese de 1 e 3	(não houve grupo)	1 (porque tudo é movimento)
Laranja	Um pouco de cada (mas o 3 é parecido com o 2)	Um pouco de cada	2	1 (porque inclui os outros)	Caminho 4
Azul	2	1	Um pouco de cada	1 e 2	Um pouco de cada
Verde	Um pouco de cada	Não escolha, ou seja, cada um faça o que quer	3 (porque reúne 1 e 2)	Um pouco de cada	1 e 2

<sup>26</sup> Em alguns grupos, os(as) participantes defenderam decididamente opiniões discordantes; em outros, os(as) “detentores(as) das falas” conseguiram facilmente fazer passar suas opiniões [os(as) incômodos se manifestando mais nas expressões da cara e na postura dos(as) participantes].

Em termos quantitativos, foram mais os subgrupos que não chegaram a escolher um dos três Caminhos e sim, construíram sínteses pegando elementos de cada um dos Caminhos (sete de 19 subgrupos). Três subgrupos fizeram uma síntese entre os Caminhos 1 e 2, e um subgrupo uma síntese do 1 e do 3. Dos que escolheram somente um Caminho: três subgrupos escolheram o Caminho 1; dois subgrupos escolheram o Caminho 2 e mais dois o Caminho 3. Um grupo não fez nenhuma escolha. No total, portanto, foram 11 os subgrupos que sintetizaram elementos de vários Caminhos, ou seja, a maioria, e sete os subgrupos que escolheram um só Caminho (em um subgrupo, como já falamos, não foi feita nenhuma escolha, deixando a resposta ao livre arbítrio das pessoas).

Mas essas quantificações não dão conta nem da qualidade da discussão ocorrida nos grupos, nem dos níveis de consciência sobre as escolhas feitas. Em alguns casos, as escolhas declaradas durante a apresentação eram substancialmente diferentes das colocadas no *flipchart* como conclusões do subgrupo. Por exemplo, as escolhas relacionadas aos Caminhos 1 e 3, na realidade, poderiam ter sido expressas de forma diferente, ou seja, os argumentos apresentados expressavam escolhas não relacionadas unicamente com aquele único Caminho (colocamos essas observações entre parênteses no quadro). Assim, no D1 (o diálogo com jovens com experiência de participação), o grupo amarelo fez a escolha do Caminho 3, mas, na apresentação, a relatora falou que:

Na área política, o que nós achamos é que deveria haver a formação de um partido político para a juventude e que tem que haver também a análise do voto, porque eu acredito que boa parte da população não analisa quando vai votar num político. (...) No voluntariado, seria voluntariado na manutenção escolar, ajudar a servir as refeições, da reforço das matérias aos sábados, incentivo na limpeza e projetos da cidade (...) E no trabalho em grupo, se tivéssemos um grupo formado e fosse uma ONG, nós lutaríamos pela segurança, nos montaríamos oficinas, iríamos organizar protestos (...) iríamos formar grupos religiosos, teríamos a entrega do sopão, iríamos procurar saber as necessidades da comunidade, trabalhar com jovens viciados (...).

Somente num caso, quem apresentou o resultado do diálogo no subgrupo fez uma distinção clara entre as conclusões do subgrupo e as posições dos(as) diferentes integrantes dele:

Como nós somos um grupo, não prevaleceu a idéia de um só. Reunimos todas as idéias e criamos um grupo, no caso, que foi o grupo 4 – ‘os jovens tentam participar da integração completa da sociedade e se conscientizam do dever perante a sociedade de ajudar as pessoas mais carentes da comunidade, buscando obter e demonstrar os seus conhecimentos’. Esse seria o Caminho 4, criado pela gente. Só que muita gente quis o Caminho 2, se identificou com o Caminho 2 (...) ninguém se identificou com o meu Caminho, o meu Caminho é o Caminho 1, que realmente é aquele Caminho de procurar lutar, buscar, que é o Caminho onde se enquadra toda a política, que realmente tem que ter a participação dos jovens (D5).

Nesse quadro, podemos dizer que o nível de consciência sobre as escolhas feitas nos subgrupos foi, no geral, bastante baixo. Como já colocamos na I parte deste texto, comentando a metodologia, nos subgrupos da tarde, o diálogo foi geralmente bastante complicado, disperso, sonolento, sempre dominado por uns(umas) poucos(as). Foi particularmente difícil para o grupo relacionar a escolha dos Caminhos Participativos com a discussão ocorrida na parte da manhã sobre as mudanças desejadas nas áreas de educação, trabalho e cultura/lazer. Geralmente, os(as) jovens não se colocavam espontaneamente no lugar de quem provoca os câmbios desejados: reivindicar, desejar, identificar problemas não significa pensar em Caminhos para se chegar a construir possíveis soluções. Ou seja, a tarefa de provocar as transformações desejadas não é assumida em primeira pessoa. Assim, de forma geral, podemos notar que não houve referência, na parte da tarde, ao que tinha se discutido pela manhã. Foram poucos(as) os(as) jovens que tentaram direcionar a discussão nos subgrupos no sentido de responder efetivamente à pergunta colocada [ou seja: *“Pensando no que vocês listaram pela manhã que deve melhorar na educação, trabalho e cultura no Brasil, como vocês estão dispostos(as) a participar para que essas melhorias se tornem realidade?”*]; esses(as) jovens podem ter apresentado maior compreensão das questões por sua maior escolaridade. Exemplo disso foi o caso de um jovem no D3, que, no subgrupo, expressou claramente a dificuldade de se chegar a provocar as mudanças desejadas com o Caminho 2: *“Eu não acho que a gente consegue muita coisa com essa forma. Capacitação de professor, por exemplo, o que é que a gente pode fazer, uma reunião com todos os pais na rua... mesmo assim, a gente vai depender do governo, se ele quiser capacitar melhor os professores”*. E outra jovem agregou: *‘Acho interessante por um lado, mas não resolve os problemas que a gente quer resolver’*. Mas esse tipo de falas foram bem poucas nas discussões dos subgrupos.

Algumas vezes, nas nossas intervenções nos subgrupos, insistimos sobre a necessidade de relacionar as escolhas dos Caminhos com as demandas de transformação identificadas na parte da manhã. Isso levou alguns subgrupos a fazer uma lista das transformações desejadas, colocando de lado de que forma poderia se chegar a elas, forçando um pouco a escolha do Caminho feita para que pudesse provocar cada transformação desejada. Assim, num subgrupo do D3, foi apresentado no cartaz:

- *Nós achamos que, com o voluntariado na educação, as pessoas têm um empenho de formar núcleos de alfabetização para todos.*
- *Com a participação de um trabalho voluntário na educação pode estimular o governo a capacitar os professores.*
- *Através de centros jovens, os empresários podem se interessar e dar oportunidade de empregos aos jovens.*
- *Com a formação de grupos culturais os voluntários podem resgatar pouco a pouco a nossa cultura local.*

Nas discussões nos subgrupos, foram constantes as referências a experiências de voluntariado vividas pelos(as) próprios(as) jovens ou por conhecidos(as) deles(as). Sem dúvida, todos(as) tinham algum conhecimento claro sobre ações de voluntariado. Muitos(as) citaram ações desenvolvidas no âmbito da escola ou com crianças. Assim, num subgrupo do D1: *“Lá na minha comunidade tem um pessoal drogado, e fazemos reuniões com eles”; “Na minha igreja, a gente se reúne para arrecadar alimentos, sempre uma vez por mês”; “Eu e meu colega, no meu colégio, saímos no Natal para arrecadar alimentos”*. E num subgrupo do D2: *“Quem é voluntário tem a oportunidade de trabalhar fazendo palestra para jovem, porque às vezes a gente tem vergonha de perguntar aos pais sobre alguma coisa, então nos tiramos às dúvidas com os voluntários. Tem também gente que vai para os hospitais, cuida dos idosos”; “Tem gente também que faz campanha para arrecadar alimentos”; “Eu também já fiz isso na escola, eu sou voluntária do Escola Aberta<sup>27</sup>, fazia gincana para arrecadar coisas, comida, roupas, para ajudar quem precisa”*.

Foi também constante, nos subgrupos e na plenária, a expressão de uma retórica sobre o fazer, agir, não ficar de braços cruzados, ir atrás para realizar os próprios sonhos. Muitos(as) dos(as) jovens portadores(as) desse discurso eram jovens participantes de grupos de igreja. Assim, no D5:

Eu penso que se você é capaz de construir uma base, embora você não tenha condições financeiras, embora você seja pobre, pobre, pobre, mas se você tem um objetivo na sua vida, você vai muito além e consegue muitas coisas. (...) Se cada um de nós tiver força de vontade (...), se você tiver um objetivo na sua vida, se você for determinado, você consegue muita coisa.

E outra jovem: *“Eu sempre busquei e pretendo sempre buscar (...) Tem um ditado que diz: ‘camarão que dorme na praia, a água leva’. Então vamos trabalhar, vamos agir”*.

Nesse grupo, uma jovem reagiu a esta retórica com o seguinte argumento:

Dizem que é bom a gente correr atrás do que a gente quer e se a gente tiver um objetivo na nossa vida a gente consegue, mas é muito difícil por isso, porque a gente estuda, mas só que a qualidade de ensino que eu tive é muito baixa se comparada à qualidade de ensino de outras pessoas que estão concorrendo com a gente (...) A gente pára por isso, porque a gente busca, luta, corre atrás mas muitas vezes acaba em nada, muitas vezes isso nos desestimula, esta entendendo?

E outra jovem agregou: *“Mas pra gente ir atrás do que a gente quer, a gente precisa também de oportunidades”*.

---

<sup>27</sup> O Programa Escola Aberta é um programa criado pela Unesco, em parceria com vários governos estaduais e municipais, que visa a abertura das escolas nos fins de semana para realizar atividades artísticas e de lazer, por meio da realização de oficinas organizadas por voluntários. Apesar de existir uma grande propaganda sobre o programa, os dados da pesquisa quantitativa revelaram que, na RMR, somente 18,3% dos(as) jovens que frequentam a escola o fazem no fim de semana, essa porcentagem sendo consideravelmente mais alta entre os(as) jovens de classe A/B do que entre os(as) jovens de classe D/E.

O discurso dos(as) jovens de classe social mais elevada enfatizava a falta de vontade das pessoas, dessa forma se juntando com o discurso dos(as) defensores(as) da retórica do “ir atrás”; assim, na mesma discussão citada acima, uma jovem de classe A/B falou: *“Eu acho que oportunidade não falta, o que falta em cada um é a preguiça, como é que eu vou dizer, a falta de vontade de correr atrás do que quer. Se você quiser mesmo uma coisa, você pode se esforçar, você pode ir atrás”*. É interessante notar que essa discussão, durante o Diálogo, foi desencadeada, ainda na parte da manhã, por uma crítica à política de cotas para negros(as).

Fazer recair a culpa da pobreza nas costas dos(as) pobres foi um discurso que voltou várias vezes na fala dos(as) jovens de classe A/B. Assim, no D4: *“A questão é o comodismo das pessoas (...) As pessoas não cuidam do que têm, a escola pública, depredam (...) Tem professor na sala e ficam pensando em ir embora logo, se não tem aula, eles vibram”*. E outro jovem, também de classe A/B, introduz a questão da interiorização dos papéis sociais: *“A gente não vai estar sendo incluído num determinado grupo social, não vai ter acesso enquanto a gente não souber nossos limites”*.

Mas sempre houve também nos grupos alguém que defendesse com força o caminho da “luta”, do “protesto”, da “união”. Essas foram palavras-chave recorrentes nas discussões dos grupos, relacionadas, no geral, com o Caminho da política, identificado, quase que exclusivamente, com o Caminho 1. Às vezes, esse discurso foi pronunciado pelos(as) mesmos(as) jovens participantes de grupos religiosos. Assim, o defensor do “ir atrás” citado acima ressaltou também, no subgrupo e na plenária: *“A grande vantagem é que os jovens de hoje podem lutar, protestar, debater, (...) lutar por seus direitos”*. E outra jovem, também de grupo religioso: *“Acho que a gente tem que se unir, fazer associações de moradores, arrecadar alimentos para doar, ajudar também os políticos dando idéias”*, relacionando, dessa forma, o voluntariado com a ação coletiva.

O Caminho 1 foi identificado com o caminho da “política” e os argumentos usados a favor e contra eram relacionados principalmente com o trabalho dos(as) políticos(as): *“O primeiro Caminho mostra mais da política e a política no país da gente é muito visada, por exemplo, se caso tivesse um jovem (...) no poder que eu digo é num cargo político alto, seria mais fácil”* (D1); *“Os políticos não prestam, todos eles querem comprar votos”* (D2); *“O primeiro item, no caso, que é a parte política, o povo não tem acesso ao Senado, não tem acesso à Câmara Municipal, então tem que ter mais participação do povo pra gente dar nossas idéias, nossas opiniões para que eles escutem e digam se está errado ou está certo, pra poder resolver aí o problema”* (D4).

Muitas vezes ficou explicitada uma certa contradição entre uma definição de princípio sobre a importância do Caminho 1, o da “política”, e a disponibilidade concreta em se engajar muito mais relacionada com experiências de voluntariado<sup>28</sup>. Como se entre a teoria e a prática houvesse uma evidente contradição. Ou seja: *“eu acho importante a política, mas eu pessoalmente estou muito mais disposto a me engajar em ações de voluntariado”*. Assim: *“Eu acho mesmo o primeiro Caminho o certo, mesmo eu não me vejo fazendo isso”* (D3).

---

<sup>28</sup> Cabe destacar que a pesquisa quantitativa revelou uma porcentagem consideravelmente maior de jovens engajados(as) em atividades de voluntariado (3%) do que daqueles(as) engajados em partidos políticos (0,8%), sindicatos (0,2%), movimentos sociais (1,2%), associações comunitárias (1,7%) e associações estudantis (2,2%). 14,7% declararam ser engajados(as) em grupos de cunho religioso, que geralmente organizam também atividades de voluntariado.

A importância da “política” muitas vezes foi salientada quase que exclusivamente nas falas dos(as) jovens que identificamos como os(as) “detentores(as) da fala”. Muitos(as) desses(as) jovens tinham tido experiências de trabalho na política, especificamente nos grêmios estudantis, o que deve ter facilitado a tarefa de colocar as próprias opiniões no espaço do Diálogo. Mas, ao mesmo tempo, esses(as) jovens pareciam muito mais inclinados(as) a disputar a platéia para fazer valer as próprias opiniões do que a dialogar com os(as) outros(as). Os vícios do “fazer política” de forma clássica, particularmente explícitos nas formas de debater e fazer valer a própria opinião em detrimento das dos(as) outros(as), eram particularmente evidentes nas falas desses(as) jovens com experiência de engajamento nos grêmios estudantis. Tal o caso do jovem “detentor da fala” do D5, participante do grêmio estudantil e de grupo da igreja evangélica, que ficou constantemente rebatendo qualquer argumentação dos(as) outros(as), querendo a todo custo dar “a última palavra” sobre qualquer argumento.

O Caminho 3 ficou sendo identificado como o caminho das “festas”, do lazer, da fruição cultural e por isso, muitas vezes, rejeitado. Numa plenária, chegou-se a discutir bastante sobre a capacidade dos(as) jovens de conciliar o lazer com o dever, questionando se os(as) jovens sabem ou não fazer isso. Vejamos as falas:

O grupo 3 fala mais sobre festivais e também ao que você se refere, ao que você gosta, o tipo de cultura que você se entusiasma.

Eu acho que esse não é o caminho porque, como a gente comentou no grupo da gente, muitos se interessam por esse tipo de trabalho e esquecem da escola, para prestar esse tipo de trabalho, que era no caso das culturas, maracatu, essas coisas. Então acho que a maioria esquece da escola pra fazer esse tipo de coisas. Eu acho que isso era pra ser incluído na atividade extra escolar.

Eu não troco meu aprendizado por festa, eu sei que tem exato momento, mas é que tem alunos que gostam, tem gente que gosta de estar ali naquele meio, mas tem gente que não gosta (...) No meu ponto de vista, este não é o caminho, o caminho certo é você não ir. Eu acho assim, quando a pessoa aprende a viver, a pessoa tem que saber dividir as coisas entre ela, tem que dividir estudo e cultura (...) Claro que tem muitos meninos que se empolgam demais, aí vão só cultura, só cultura, aí claro que atrapalha, mas tem que saber dividir a vida dele.

A aceitação do Caminho 3 quase sempre veio pelo lado de ser uma forma de realizar o Caminho 2 (ou seja, realizar ações de voluntariado em grupo) ou para se chegar ao Caminho 1 (a união de vários grupos pode fazer um movimento maior que lute no campo da política). Algumas falas exemplificam claramente estas posições: *“Se não existisse voluntariado, não existiria grupo”* (diferença – D3); *“Os grupos podem se juntar e fazer um grande grupo”* (diferença – D2); *“Tem grupos que conseguem muitas coisas, conseguem cursos para a comunidade, creches etc.”* (diferença – D3). As conclusões de um subgrupo do D3, que escolheu fazer uma síntese entre os Caminhos 1 e 3, exemplificam bem essas ‘contaminações’ entre os Caminhos:

Os jovens, na tentativa de resolver seus problemas, e cansados de esperar uma atitude das autoridades, começaram a se unir em busca de solução de seus propósitos. Com esse grupo, eles aprendem a se respeitar, a ouvir opiniões de outros jovens e expor as suas. Criando práticas, valores e responsabilidade. Tornando-se então um grupo sólido. Juntos, vão conquistando outros jovens com seus pensamentos de mudanças. Chegando cada vez mais longe, com a ousadia de si, diretamente aos órgãos do governo, se impor, expressar seus interesses, cobrar seus direitos e fazer seus deveres.

Como já observamos, em todos os Diálogos houve um debate entre os(as) defensores(as) do voluntariado e os(as) defensores(as) da política. Assim, a problematização desses Caminhos se deu de forma muito natural entre os(as) próprios(as) participantes. Por exemplo: *“É uma coisa boa o voluntariado, mas eu acho que não vai mudar a nossa realidade hoje em dia. Vai ajudar, mas não vai mudar”* (D3); *“Alguns voluntários atrapalham, querem ganhar dinheiro ou se fazer publicidade”* (diferença – D2). Sempre houve alguém que falou, a propósito do voluntariado, do risco de tomar para si responsabilidades que são do Estado, de exercer funções que deveriam ser remuneradas, tirando o trabalho de alguém. Assim, *“Fica sempre um professor ficando sem emprego por causa de um voluntário”* (D3). No D3, uma jovem se colocou claramente contra o voluntariado, a partir da experiência dela: *“A experiência de voluntário para um currículo não adianta, não serve. Serve para você, como pessoa, mas como currículo, para um emprego, não serve”*. Em vários subgrupos, ficaram explícitas as problematizações e as diferentes posições nesse sentido, como num subgrupo do D1: *“O governo não tem dinheiro para contratar gente, aí vem o voluntariado”*; por outro lado: *“Os poderes públicos muitas vezes vêem que o pessoal tá fazendo as coisas e não assumem suas responsabilidades (...) Ah, fulaninho tá fazendo, eu vou fazer mais o quê?!”*. E outra jovem rebate: *“Se a gente for esperar pelo governo... Muitas pessoas com o voluntariado descobriram seus talentos”*.

Sempre houve alguém que questionou os defensores do Caminho 1, a propósito da corrupção do mundo da política, da pouca eficácia das ações implementadas nesse âmbito, da maior eficácia da ação direta em respeito às ações de protesto ou à organização de movimentos políticos. Assim: *“O voluntário luta por soluções (...) começa de baixo (...) para mudar a desigualdade social que atinge a nossa região (...) O Caminho 1 precisa do governo, o 2 mete a cara sem precisar do governo”* (D3). No D4: *“A gente está reivindicando que a gente quer melhorias para o hospital e os voluntários estão trabalhando lá dentro do hospital. Então quando uma comissão do governador chegar para observar esse local, ele vai escutar mais, dar mais valor, não aos manifestantes e sim, aos que estão fazendo o serviço de voluntariado, quem está trabalhando lá (...) porque o manifesto às vezes é mal visto, as pessoas olham esse comportamento como um mau comportamento”*.

Duas frases, colocadas entre as semelhanças, exemplificam bem os dois pensamentos principais nessa discussão: por um lado, *“Todos são dispostos a ajudar, sem tomar o papel do governo”* (semelhanças – D2); por outro lado, *“A política é importante, mas a gente não precisa depender dela”* (semelhança – D1). As falas a favor do Caminho 2 parecem, portanto, explicitar um sentimento de urgência presente nos(as) jovens: precisamos de mudanças, de soluções, para hoje.

Foi na problematização a respeito do Caminho 3 que se deram de forma mais significativa as nossas intervenções enquanto facilitadores(as). Quase sempre tivemos que chamar atenção do grupo porque não surgiram, na identificação das semelhanças/diferenças, questões relativas ao Caminho 3. Na maioria dos casos, podemos dizer que provocar a discussão, no sentido de identificar no Caminho 3, uma possibilidade de organização e participação mais autônoma dos(as) jovens, tanto com relação à não participação dos(as) adultos(as), como no sentido da possibilidade de se expressar de diferentes formas, não surtiram muito efeito. Nos pareceu, finalmente, que o Caminho 3 pode ser considerado, de certa forma, um caminho de especialistas que lidam com as temáticas juvenis, e não uma realidade presente no universo juvenil. Mesmo os(as) jovens que participavam de grupos de igreja não identificavam esses grupos como sendo grupos juvenis.

Quando os grupos chegavam a construir facilmente um consenso sobre os múltiplos engajamentos, ou seja, sobre a não necessidade da escolha, questionamos sobre a possibilidade prática de se engajar ao mesmo tempo em diferentes tipos de atividades. Mas somente no último diálogo, o segundo grupo misto, uma jovem defendeu, com força, que era impossível se engajar nas atividades do grêmio estudantil e, ao mesmo tempo, em ações de voluntariado, por falta de tempo: *“Quando você se dedica tipo a um grêmio estudantil, você não tem tempo suficiente para se dedicar a outra coisa (...) Pra você fazer uma escolha, você tem que fazer a escolha daquilo que você realmente quer e uma coisa só, porque você não vai ter tempo pra se dedicar bem àquilo, a não ser que você queira fazer só a mentirinha”* (D5).

## 6. Comentários finais

Na tabela 5, apresentamos a síntese e a recorrência dos comentários finais expressos pelos(as) jovens com relação à pergunta “*Que mensagem gostaria de deixar para os políticos?*”. Entre parênteses, colocamos o número de jovens que expressaram sua opinião neste momento do dia, em cada grupo.

Tabela 5

<b>Comentários Finais (temas/ questões)</b>	<b>Grupo de Diálogo 15-18 19/3</b>	<b>Grupo de Diálogo 18-24 2/4</b>	<b>1º Grupo de Diálogo 15-24 9/4</b>	<b>2º Grupo de Diálogo 15-24 16/4</b>	<b>Grupo de Diálogo Experiência Participativa 12/3</b>	<b>TOTAL</b>
	(9)	(21)	(16)	(19)	(24)	<b>(89)</b>
Pensar/investir nos(as) jovens/ escutar os(as) jovens.	2	6	4	6	4	<b>22</b>
Mais consciência/ pensar mais/ competência/ respeito/cuidado.	2	1	5	2	6	<b>16</b>
Olhar para a fome e os problemas do povo.	1	2	2		8	<b>13</b>
Cumprir o que prometem.	1				2	<b>3</b>
Fazer alguma coisa/melhorar.	3					<b>3</b>
Que cada um(a) faça a sua parte.			2	1		<b>3</b>
Não façam/ cuidem somente dos(as) jovens, e sim, do Brasil todo.				2		<b>2</b>

É interessante ressaltar que, nesse momento, os(as) participantes pareceram se apropriar mais de sua identidade juvenil, reivindicando mais atenção dos(as) políticos(as) para os problemas dos(as) jovens, mais espaços para a escuta dos(as) jovens, mais investimentos porque, muitas vezes, repetiram “*Nós somos o futuro do país*”<sup>29</sup>. Mas podemos considerar que, nessa frase, mais que a consciência da condição juvenil, fica explícita a interiorização de um sentido comum presente na sociedade. No último Diálogo, em que ocorreram seis menções a essa questão, alguns(mas) ficaram

<sup>29</sup> No Anexo 3, colocamos exemplos de falas dos(as) jovens com respeito a cada um dos temas.

até incomodados(as) com essa preocupação específica em detrimento da população em geral, insistindo sobre a importância de provocar melhorias para todo mundo, e não somente para os(as) jovens: *“Vocês foram muito, assim, com o pensamento pequeno. Eles não devem só cuidar da gente, e sim, do Brasil todo, dando mais atenção ao jovem, é claro, é lógico, porque se eu sou jovem eu quero alguma coisa pra mim, mas não só pra mim, mas pra o Brasil em si”* (D5).

Foi também bastante recorrente a mensagem sobre a necessidade de ter mais consciência, mais competência, mais cuidado por parte dos(as) políticos(as).

Mais especificamente, alguns(mas) jovens reivindicaram a importância de olhar para a fome e os problemas do povo, ou seja, encarar de forma direta as necessidades dos(as) mais pobres. Cabe ressaltar que foi o grupo de jovens com experiência participativa que fez particularmente ênfase sobre esta questão.

Em todo caso, ficou evidente que, em cada grupo, muitos(as) jovens simplesmente repetiam o que os(as) colegas tinham acabado de falar.

É importante notar que, nesse momento, em alguns grupos, no lugar do que deixar recados para os(as) políticos(as), alguns(mas) jovens expressaram recados para eles(as) mesmo, ou seja, para o grupo, com frases do tipo: *“Não deixem de lutar pelos seus objetivos”* (D2); *“A gente não pode desistir nunca de buscar o que a gente acha que é certo”* (D3); *“Se você tem uma causa, abrace com coragem, debata mesmo, fale e outra coisa: passe essa informação para outros jovens, que é muito importante, como eu vou fazer”* (D3).

No que diz respeito à avaliação do dia, também é possível notar algumas recorrências importantes. Vejamos a tabela 6:

Tabela 6

<b>Comentários Finais (temas/questions)</b>	<b>Grupo de Diálogo 15-18 19/3</b>	<b>Grupo de Diálogo 18-24 2/4</b>	<b>1º Grupo de Diálogo 15-24 9/4</b>	<b>2º Grupo de Diálogo 15-24 16/4</b>	<b>Grupo de Diálogo Experiência Participativa 12/3</b>	<b>TOTAL</b>
	(19)	(21)	(16)	(19)	(24)	<b>(99)</b>
Discutir/ se expressar/ respeito pela opinião dos outros.	8	18	10	8	6	<b>50</b>
Amizade/conhecer gente.	4	1	3	4	16	<b>28</b>
Aprendizagem.	7	4	3	4	5	<b>23</b>
União dos(as) jovens/ relacionamento do grupo.	4		1			<b>5</b>
Os(as) jovens também têm importância.			1			<b>1</b>

O que ficou particularmente evidente foi a avaliação positiva dos Diálogos como oportunidade de expressar a própria opinião, respeitando a opinião dos(as) outros(as), de participar de um espaço de discussão<sup>30</sup>. Isso foi particularmente ressaltado no grupo de jovens de 18-24 anos, que consideramos o grupo no qual a metodologia de Diálogo deu mais certo. Pelo fato que o grupo dos(as) jovens com experiência participativa foi o que menos expressou essa temática na avaliação final, podemos deduzir que o espaço do Diálogo foi particularmente valorizado pelos(as) jovens que não tiveram, em suas biografias, outras oportunidades de participar de um evento desta natureza.

A amizade, o “conhecer gente”, foi também valorizado por um bom número de participantes, particularmente por aqueles(as) vinculados(as) a grupos religiosos, que foram particularmente numerosos(as) no grupo com experiência participativa. Em todo caso, vale notar, de novo, que, muitas vezes, nos comentários finais, houve recorrência de falas, ou seja, os(as) participantes repetiam o que acabava de ser expresso por um(a) colega.

Os Diálogos foram também bastante valorizados como espaços de aprendizagem, especificamente no sentido da troca entre os(as) participantes (mas, em três ocasiões, houve algum comentário positivo a respeito da suposta “palestra” à qual se teria assistido durante o dia). O Diálogo como espaço de aprendizagem foi mais valorizado para o grupo dos(as) mais jovens. Nesse grupo, houve outro comentário recorrente: a união dos(as) jovens, ou seja, o relacionamento dentro do grupo. Evidentemente, esses(as) jovens eram os(as) que menos tinham tido acesso a experiências desse tipo em suas vidas.

Cabe ressaltar um comentário de um jovem, no D4, a respeito do Diálogo ter propiciado a descoberta de que *“os jovens também tem importância”*. Nesse sentido, a oportunidade de dialogar com seus pares parece ter reforçado, de alguma forma, a consciência sobre o “ser jovem”.

Finalmente, reportamos as palavras de uma jovem que, durante as saudações finais, explicitou seu estado de ânimo após o dia: *“São muitas emoções. Gente, eu sei que este dia vai ficar marcado na memória de vocês, principalmente eu. Cada um de vocês vai ficar marcado na minha memória, mesmo que um dia eu encontre com alguém e não lembre dessa pessoa, mas eu vou lembrar sempre do que essa pessoa me disse e do que eu aprendi realmente com essa pessoa”*.

---

<sup>30</sup> No Anexo 4, colocamos alguns exemplos de comentários finais.

## 7. Fichas pré e pós-Diálogo

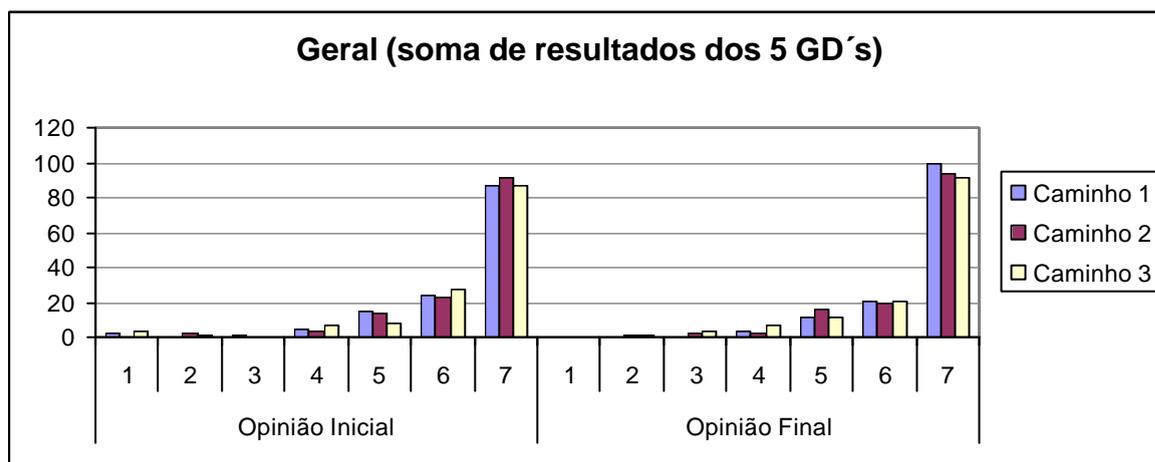
### a) Análise das notas

As fichas de opinião inicial e de opinião final foram devidamente preenchidas por 134 dos(as) 135 jovens que compareceram aos Diálogos na RMR<sup>31</sup>. No geral, os(as) jovens atribuíram notas elevadas (quase sempre 7, algumas vezes 6) a todos os Caminhos, e as mudanças de opinião nas fichas Pós não foram muito relevantes.

Como podemos observar no gráfico 1, as mudanças de opinião se mostram mais significativas quando observamos o conjunto dos cinco encontros. O número de jovens que atribuiu a maior nota (7) cresceu em relação a todos os Caminhos:

- Caminho 1, no início do dia, contou com 87 notas 7; ao final do dia, 99.
- Caminho 2 iniciou com 92 e finalizou com 94.
- Caminho 3 iniciou com 87 e finalizou com 91.

Gráfico 1



O gráfico mostra um acréscimo mais consistente das notas atribuídas ao Caminho 1, com relação aos outros dois Caminhos.

A análise da nota média (tabela 7) atribuída (em escala de 1 a 7) aos três diferentes Caminhos confirma a hipótese de que o Caminho 1 foi melhor avaliado ao final dos Diálogos, obtendo maior acréscimo à nota média no conjunto dos cinco Grupos de Diálogo. As diferenças são, em todo caso, bastante pequenas: enquanto a nota média atribuída ao Caminho 2 ficou estável (6,5) e a nota média atribuída ao Caminho 3 cresceu de 0,1, a nota média atribuída ao Caminho 1 cresceu de 0,2 pontos.

<sup>31</sup> Um jovem, no D1, preencheu de forma incompleta a ficha de opinião final, deixando de marcar notas para os dois últimos caminhos. Assim, para análise, desconsideramos essa ficha.

Tabela 7

	<b>Caminho 1</b>	<b>Caminho 2</b>	<b>Caminho 3</b>
Opinião Inicial	<b>6,4</b>	<b>6,5</b>	<b>6,3</b>
Opinião Final	<b>6,6</b>	<b>6,5</b>	<b>6,4</b>

Como mencionamos na análise das semelhanças e diferenças da tarde, o Caminho 1, identificado como o “da política”, foi o Caminho escolhido com maior frequência entre os subgrupos que escolheram somente um Caminho. Isso nos permite inferir que os Diálogos contribuíram principalmente para a revisão das opiniões dos(as) jovens sobre os espaços formais de participação política: apesar das frequentes críticas aos representantes políticos eleitos, os(as) jovens parecem acreditar que por meio desse Caminho é possível melhorar a vida no Brasil, em particular as condições de vida da juventude.

Com relação ao Caminho 2, observando a nota média atribuída pelos(as) jovens aos Caminhos de Participação, e considerando as variáveis sexo, trabalho e escolaridade, destacam-se as seguintes mudanças de opinião:

Tabela 8: Sexo, 5GDs e 3 Caminhos

<b>GD</b>		<b>GD Todos</b>	
<b>Sexo</b>		<b>M</b>	<b>F</b>
<b>C1</b>	Pré	6,3	6,4
	Pós	6,6	6,7
<b>C2</b>	Pré	6,4	6,5
	Pós	6,7	6,3
<b>C3</b>	Pré	6,4	6,2
	Pós	6,4	6,5

M = masculino e F = feminino.

Tabela 9: Trabalho, 5GDs e 3 Caminhos

<b>GD</b>		<b>GD Todos</b>	
<b>Trabalho</b>		<b>S</b>	<b>N</b>
<b>C1</b>	Pré	6,5	6,3
	Pós	6,7	6,6
<b>C2</b>	Pré	6,4	6,5
	Pós	6,6	6,4
<b>C3</b>	Pré	6,4	6,3
	Pós	6,4	6,4

S = sim e N = não

**Tabela 10: Escolaridade, GDs e 3 Caminhos**

GD		GD Todos				
Escolaridade		Não	até 4	até 8	E. Médio	E. Sup.
C1	Pré	0,0	5,7	6,1	6,4	6,9
	Pós	0,0	6,3	6,6	6,7	6,6
C2	Pré	0,0	6,7	6,4	6,5	6,8
	Pós	0,0	6,5	6,8	6,4	6,3
C3	Pré	0,0	5,3	6,6	6,3	6,3
	Pós	0,0	6,0	6,6	6,3	6,8

Três observações sobre essas variáveis mostram alguns indícios da contribuição dos Diálogos para a mudança de opinião entre os(as) jovens participantes:

- As jovens mulheres, ao contrário dos homens, reduziram a nota atribuída ao Caminho 2.
- Os(as) jovens que não trabalham reduziram a nota atribuída ao Caminho 2.
- Aqueles(as) que têm mais anos de estudo são os(as) que reduziram mais significativamente a nota relativa ao Caminho 2.

Com relação à questão de gênero, vale lembrar que, como já dissemos, foram as mulheres que se manifestaram de forma mais entusiasta e criativa durante os Diálogos. Em quatro dos cinco grupos de diálogo da RMR, as mulheres atribuíram nota média inicial (pré) superior ao voluntariado em comparação com os homens. Por outro lado, ao final dos Diálogos, as mulheres contrariam a tendência inicial e se mostram como aquelas que menos consideram o voluntariado um caminho útil para a participação juvenil. Podemos levantar a hipótese de que as mulheres, geralmente, se engajam mais do que os homens em ações de voluntariado<sup>32</sup> e foram elas, portanto, as que se sentiram mais concernidas pelas discussões ocorridas sobre o tema, reagindo mais às problematizações sobre a importância da política vs. o trabalho voluntário.

Os(as) jovens que não trabalham e aqueles(as) que estudam foram mencionados(as) em alguns de nossos diálogos como possíveis beneficiários(as) das ações de voluntariado. A experiência de trabalho voluntário foi apresentada também como um caminho para a qualificação e a abertura de espaços para a realização profissional desses(as) jovens. Essa possibilidade de se qualificar e encontrar um lugar no mundo do trabalho através do voluntariado foi bastante discutida durante os diálogos; a problematização sobre ela foi exemplarmente ressaltada no D3 por uma jovem que se contrapôs a esse argumento, afirmando que a experiência de trabalho voluntário não beneficia o currículo e, conseqüentemente, não amplia as possibilidades de

<sup>32</sup> De fato, a pesquisa quantitativa mostrou que as mulheres são mais engajadas do que os homens em atividades religiosas e em atividades para melhorar as condições de vida no bairro. Ou seja, das mulheres engajadas em algum tipo de grupo, 54,4% declararam que seus grupos realizavam atividades religiosas (contra 45% dos homens) e 12% declararam realizar atividades para melhorar as condições de vida no bairro (contra 8,4% dos homens). À pergunta “Você já participou de algum movimento ou reunião para melhorar a vida do seu bairro ou da sua cidade”, 27,5% das mulheres deram respostas positivas, contra 26,1% dos homens.

inserção profissional. Os diálogos revelaram que o trabalho voluntário é importante para esses(as) jovens principalmente porque gera benefícios na área social e na vida pessoal dos indivíduos, mas não porque gera (ou pode dar acesso a) trabalho remunerado. A redução da nota média atribuída pelos(as) jovens desempregados(as) e pelos(as) estudantes de ensino superior ao voluntariado indica que esses(as) jovens, mais diretamente envolvidos(as) na busca de trabalho, concluíram em alguma medida que o trabalho voluntário não lhes traz benefícios profissionais.

**Tabela 11: Idade e 3 Caminhos**

Idade		Todas	15 a 17	18 a 24	15 a 24	15 a 24 Exp. Partic.
<b>C1</b>	Pré	6,3	6,0	6,1	6,5	6,7
	Pós	6,6	6,5	6,3	6,8	6,7
<b>C2</b>	Pré	6,5	6,6	6,3	6,4	6,6
	Pós	6,5	6,4	6,3	6,4	6,8
<b>C3</b>	Pré	6,3	6,1	6,5	6,2	6,4
	Pós	6,4	6,3	6,6	6,3	6,6

Analisando as variáveis segundo a tipologia dos Diálogos com relação à faixa etária dos(as) participantes, notamos que as maiores variações de opinião se deram no Diálogo com os(as) mais jovens e em relação ao Caminho 1; ou seja, parecem ser esses(as) os(as) jovens que menos tinham tido ocasião de refletir, até então, sobre o papel da política na sociedade, enquanto, ao invés, foram os(as) jovens com experiência participativa os(as) que menos mudaram de opinião com relação a esse Caminho.

### **b) Análise das condições<sup>33</sup>**

Analisar as condições expressas nas fichas de opinião final separadamente da nota atribuída a cada Caminho não permite mensurar se o(a) jovem coloca uma condição para aprovação ou reprovação do Caminho. Em todo caso, a maioria dos(as) participantes colocou condições para a aprovação: nos diálogos 1 e 3, todos(as) que expressaram condições escolheram notas a partir de 5; nos demais diálogos, a expressiva maioria também escolheu notas a partir de 5.

O Caminho que suscitou mais condições foi o Caminho 2, o do voluntariado (53 condições contra 36 para o Caminho 1 e 39 para o Caminho 3). A maioria das condições referentes ao Caminho 1 dizem respeito a “ter apoio/diálogo com o governo”; ou seja, fazer política vale se realmente se tem uma interlocução com o governo. Cabe notar também a condição “Não favoreça interesses particulares/pessoais/partidários”, expressa por cinco participantes, e a condição “Não tenha vandalismo/conflitos/desordem”, expressa por quatro participantes.

<sup>33</sup> No Anexo 5, colocamos a síntese das principais condições expressas pelos(as) jovens nas fichas Pós.

Com relação ao Caminho 2, as condições mais significativas foram:

- Não substitua ações do governo (expressa por 16 participantes).
- Tenha mais apoio/reconhecimento do governo, inclusive financeiro.
- Não tenham interesses particulares/pessoais/políticos partidários.

Essas condições refletem bastante fielmente os argumentos usados na discussão sobre o voluntariado, que foram analisados nos pontos precedentes desse texto. Que o voluntariado seja entendido como medida paliativa que, portanto, não resolve problemas estruturais da sociedade brasileira e da juventude em particular, é também o que se destaca entre os comentários que não estão citados como condições.

Sobre o Caminho 3, há três comentários que merecem destaque:

- Dois(duas) afirmam que esse Caminho pode mudar uma comunidade, mas não altera uma cidade ou o Brasil como todo (D1 e D2). Para mudar o Brasil é necessário se dirigir aos(às) governantes: *“Os jovens busquem progredir dentro do seu grupo, para que, assim, se tornem um grupo forte e consigam realmente dar o recado e que esse recado chegue ao conhecimento dos nossos governantes.”* (D3)
- Dois (duas) afirmam que esse Caminho é uma junção dos outros dois (D3)
- Um(a) relaciona esse Caminho com o voluntariado, dizendo *“sem voluntariado não há grupo”*. (D3)

Ou seja, como já notamos na análise das escolhas, houve uma tendência a relacionar este Caminho com ações que se enquadram mais em outros Caminhos, em particular no primeiro. Condições apresentadas na categoria “outros”, apesar de não serem numericamente representativas, vão também nesse sentido, como: *“Porque essa é a base de um grupo é onde aprende-se a ter respeito pela opinião dos companheiros. Passando então para o Caminho 1 onde ele se formaliza como grupo e formaliza suas idéias. Para saírem à luta defender elas”* (D3); e *“Essas pessoas se esforçam para ir mais além”* (D3).

Além disso, vale ressaltar as condições que foram majoritariamente indicadas:

- Respeitem as diferenças com os outros grupos e não se fechem em si mesmos (que foi um dos argumentos usados nos “contras” colocados no Caderno) – de longe, a condição mais destacada.
- Solidariedade aos problemas sociais do Brasil (“Abordem questões sociais/Tenham compromisso com o povo” e “Tentem ajudar o país/a cidade”).

Ou seja, como já colocamos anteriormente, o Caminho 3 não foi relacionado com argumentos a favor da expressão autônoma dos(as) jovens.

---

## 8. Conclusões

Vamos ressaltar, como forma de conclusão, algumas das questões mais significativas que a pesquisa levantou.

Primeiro uma constatação sobre a perda da importância da escola como espaço de socialização democrática: os(as) jovens que participaram de nossas pesquisas, em sua grande maioria, mostraram não ter tido acesso, no espaço escolar, a momentos de diálogos, encontros, debates, nos quais pudessem expressar suas opiniões, ouvir as dos(as) outros(as), trocar idéias sobre assuntos que lhe dizem respeito.

Se, por um lado, os(as) jovens têm muito a dizer sobre dois temas importantes para suas vidas, a escola e o trabalho, por outro lado, a maioria deles(as) não tem oportunidade, e por conseqüência, hábito de dialogar sobre esses assuntos num espaço que respeite e valorize suas opiniões. Não tem oportunidade de participar ativamente da vida escolar, fazendo valer suas opiniões, construindo consensos e, dessa forma, aprendendo o exercício da democracia.

A falta de experiências que se relacionassem com a vivência do diálogo fez com que a maioria dos(as) jovens não se sentisse à vontade para expressar sua opinião, preferindo aceitar e, de certa forma, delegar a palavra àqueles(as) poucos(as) jovens que manifestavam um domínio maior da fala. Esses(as) últimos(as), por sua vez, mostraram ter tido suas experiências de socialização em espaços onde predomina a prática da disputa sobre a prática do diálogo (para retomar uns dos princípios fundamentais da metodologia utilizada na pesquisa).

De fato, parece que o lugar da escola como espaço de socialização está sendo ocupado por outras instâncias, entre as quais destaca-se a igreja e, em particular, as igrejas não pentecostais<sup>34</sup>. Os êxitos do crescimento da importância dessas vivências religiosas na vida dos(as) jovens estão ainda para ser aprofundados, sobretudo no que diz respeito ao valor da autoridade, que ocupa um lugar central nessas práticas, e à interiorização dos papéis impostos pelo sistema dominante.

A escola está também longe de cumprir seu papel formador: as enormes dificuldades que tiveram os(as) jovens participantes dos diálogos para ler e compreender os textos do Caderno, mesmo sendo jovens que, na grande maioria (ou seja, 73% deles), estão cursando o segundo grau ou a universidade, são a evidência dessa falta.

No que diz respeito à questão da participação, duas considerações nos parecem centrais. Primeiro, parece que o tema da participação não é um tema particularmente relevante para os(as) jovens pesquisados(as). A maioria deles(as) não tinha uma opinião a respeito, e a oportunidade de informação sobre o tema propiciada pelo Diálogo, os exemplos de práticas apresentados, os argumentos a favor e contra cada Caminho Participativo não foram suficientes para a formulação clara e consciente de uma opinião.

---

<sup>34</sup> Na pesquisa quantitativa 22,5% dos(as) jovens da RMR declararam ser de religião evangélica/protestante, e 50,5% declararam ser católicos.

Nesse sentido, nos parece importante recorrer às palavras de Pierre Bourdieu: *“Um dos efeitos mais perversos das pesquisas de opinião consiste em colocar as pessoas frente à necessidade de responder a perguntas que elas nunca se fizeram”*<sup>35</sup>. Para a maioria dos(as) jovens, era muito difícil expressar sua opinião a respeito de um tema sobre o qual, provavelmente, nunca tinham parado para pensar. Ainda mais que a pergunta, da forma como era formulada, implicava na necessidade de mobilizar recursos de ação (e não somente de opinião). “Como vocês estão dispostos a participar” pressupõe a vontade de participar de alguma coisa e, ao mesmo tempo, a capacidade de escolha. Essa pergunta, assim como foi formulada, pareceu não fazer muito sentido para esses(as) jovens, que quase nunca tiveram a oportunidade de “participar” de alguma coisa, que não tiveram vivências de participação democrática mais além da formalidade do voto, nem tiveram muitas experiências de fazer escolhas em suas vidas. A própria palavra “engajamento” claramente não faz parte do vocabulário da maioria dos(as) jovens da RMR.

Até onde vai nossa capacidade de indução, de problematização, no que diz respeito a um tema sobre o qual os(as) jovens nunca tinham parado para pensar? Essa ficou uma pergunta aberta, que colocou em xeque nossa capacidade de assumir o papel de “facilitador(a)” mais além (mas ao mesmo tempo junto com) o papel de pesquisador.

A segunda consideração diz respeito aos argumentos utilizados pelos(as) jovens participantes a respeito dos Caminhos Participativos. Nos chamaram a atenção as evidentes incoerências dos discursos: uma posição reacionária (como, por exemplo, ser a favor do controle de natalidade forçado) pode muito bem conviver com a defesa dos direitos dos cidadãos. Por um lado, existe uma interiorização da situação de desigualdade social que se expressa, por exemplo, na opinião “os(as) pobres não podem ter filhos(as)”; por outro lado, se faz apelo à solidariedade e à união para reivindicar direitos. Caberia aprofundar mais a análise dos valores que orientam hoje as tomadas de posição dos(as) jovens nos campos ético e político.<sup>36</sup>

Uma outra questão diz respeito a um tema bastante recorrente entre pesquisadores(as) e ativistas do universo juvenil: o tema da identidade juvenil. Muito raramente os(as) jovens se referiam a eles(as) mesmos(as) como sujeitos jovens. No geral, pouco se referiram à categoria juventude, suas observações diziam muito mais respeito ao comportamento, às necessidades da população em geral. Quando falavam “dos(as) jovens”, o faziam sem se incluir em primeira pessoa nessa categoria. De fato, acreditamos que a identidade juvenil enquanto identidade estruturadora para a ação coletiva não está ainda claramente definida no universo juvenil.

Caberia aprofundar mais a discussão sobre a identidade juvenil. O sociólogo Pierre Bourdieu defendeu, num conhecido texto de 1978, que *“falar dos jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui uma manipulação evidente.”*<sup>37</sup> Para ele, a definição

---

<sup>35</sup> Pierre Bourdieu, “L’opinion publique n’existe pas”, in **Questions de sociologie**, Paris, Les editions de Minuit, 1980, p. 226.

<sup>36</sup> Comentando os dados da última pesquisa IARD, uma pesquisa realizada periodicamente sobre os(as) jovens italianos(as), Luca Ricolfi constrói mapas que dão conta do espaço ético e político dentro do qual se posicionam os(as) jovens italianos(as) de hoje. (Cfr. “L’eclisse della politica”, in Buzzi, Cavalli, De Lillo, **Giovani del nuovo secolo** : quinto rapporto IARD sulla condizione giovanile in Italia, Bologna, Il Mulino, 2002, p. 259-282.

<sup>37</sup> Pierre Bourdieu, “La jeunesse’ n’est qu’un mot”, in **Questions de sociologie**, Paris, Ed. de minuit, 1980, p. 145.

de juventude é, em cada sociedade, uma definição que depende das forças em jogo, “*un enjeu de lutte*”. Esta posição foi bastante questionada nos últimos anos por sociólogos(as) latino-americanos(as) que defenderam a existência de traços característicos e comuns ao universo juvenil. Miguel Abad<sup>38</sup>, por exemplo, defende que:

(...) se pode perceber uma mudança drástica na definição social da condição juvenil, que em sua vertente de publicização, quer dizer, de visualização, reconhecimento e legitimação na cena pública, demanda formas de participação ligadas ao exercício de uma *cidadania especificamente juvenil*, na qual os jovens começam a se reconhecer e por sua vez pressionam para ser reconhecidos pela sociedade, com direitos e interesses distintos dos das crianças, dos adolescentes e dos adultos.

No documento de conclusão do Projeto Juventude<sup>39</sup> podemos encontrar uma definição bastante clara sobre a especificidade da condição juvenil:

A condição juvenil é dada pelo fato de os indivíduos estarem vivendo um período específico do ciclo de vida, num determinado momento histórico e cenário cultural. No contexto atual, juventude é, idealmente, o tempo em que se completa a formação física, intelectual, psíquica, social e cultural, processando-se a passagem da condição de dependência para a de autonomia em relação à família de origem. (...) Portanto, trata-se de uma fase marcada centralmente por processos de definição e de inserção social. (...) A condição juvenil não pode mais ser compreendida como apenas uma fase de preparação para a vida adulta, embora envolva processos fundamentais de formação. Ela corresponde a uma etapa de profundas definições de identidade na esfera pessoal e social, o que exige experimentação intensa em diferentes esferas da vida. (...) O reconhecimento da especificidade da juventude tem que ser feito num duplo registro: o da sua singularidade com relação a outros momentos da vida e da sua diversidade interna, que faz com que a condição juvenil assuma diferentes contornos.

Como mencionado, na pesquisa constatamos que os(as) jovens não falam de si como de uma categoria social da qual fazem parte: quando falam dos(as) jovens, o fazem como se os(as) jovens fossem outros(as) e, muitas vezes, reproduzindo o discurso dominante sobre a juventude. Ou seja, não expressam suas demandas a partir do reconhecimento de sua condição enquanto sujeitos jovens. Houve, claro, algumas exceções, como o caso de um jovem que, num subgrupo do D3, afirmou: “*Os jovens não podem correr apenas atrás de causas políticas, mas dos interesse deles também*”.

Finalmente, ficou aberta uma pergunta: que discursos mobilizam as pessoas colocadas em situação de diálogo? Muitas vezes, tanto com respeito aos temas do trabalho, da escola, da

---

<sup>38</sup> Miguel Abad, *op.cit.*, p. 13.

<sup>39</sup> Instituto Cidadania, Documento de Conclusão do Projeto Juventude, São Paulo, 2004, p. 10.

cultura e lazer, como com respeito ao tema da participação, nos pareceu que nossos(as) jovens faziam recurso, principalmente, a afirmações do sentido comum. Para Bourdieu<sup>40</sup>,

As estruturas cognitivas às quais os agentes sociais recorrem para conhecer praticamente o mundo social são estruturas sociais interiorizadas. Os conhecimentos práticos do mundo social que supõe a conduta 'razoável' nesse mundo abre mão de esquemas classificatórios (...), esquemas históricos de percepção e de apreciação que são o produto da divisão objetiva em classes (classes de idades, classes sexuais, classes sociais) e que funcionam antes da consciência e do discurso. Sendo o produto da interiorização das estruturas fundamentais de uma sociedade, esses princípios de divisão são comuns ao conjunto dos agentes dessa sociedade e permitem a produção de um mundo comum e de sentido, de um sentido comum.

Apesar disso, a presença, em todos os Grupos de Diálogos, de jovens (e particularmente jovens mulheres, como já assinalamos acima) questionadores(as), críticos(as), instigadores(as) de reflexões que iam mais além do sentido comum, dispostos(as) a questionar as falhas do sistema, os papéis sociais, as imposições do discurso dominante, nos animou a ir mais além dos resultados dessa pesquisa e aprofundar a indagação a respeito das vivências sociais e políticas futuras desses(as) jovens. Seria interessante realizar um estudo longitudinal que desse conta de responder às perguntas: que fazem esses(as) jovens ativos(as), críticos(as) e questionadores(as) para enfrentar os desafios de sua condição juvenil e a entrada na vida adulta? De que forma resistem à imposição do sistema, às dificuldades da vida, às necessidades da sobrevivência, às tentativas de cooptação e "pacificação" realizadas pelos diferentes agentes sociais encarregados de "manter a ordem" numa sociedade extremamente desigual e conservadora, como é a sociedade nordestina?

---

<sup>40</sup> Pierre Bourdieu, **La distinction**, Paris, Ed. de Minuit, 1979, p. 545-546.

**Rede parceira:** Ação Educativa, Centro de Referência Integral de Adolescentes, Escola de Formação Quilombo dos Palmares, Instituto de Estudos Socioeconômicos, Instituto Universidade Popular, Iser Assessoria, Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais, Observatório Jovem do Rio de Janeiro da Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

#### Coordenação

**i**Betinho  
**Base**



**PÓLIS**  
INSTITUTO DE ESTUDOS,  
FORMAÇÃO E ACESSORIA  
EM POLÍTICAS SOCIAIS

#### Apoio

10th Anniversary **CPRN** 2005 **RCRPP**  
Fresh Ideas for Canada's Future

**IDRC**  **CRDI**